



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - DF
FACULDADE UnB PLANALTINA – FUP
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO - LEdoC

MARIA HELENA SERAFIM RODRIGUES

**ORALIDADE E LETRAMENTO EM UMA PERSPECTIVA DE INCLUSÃO
SOCIAL DO POVO KALUNGA**

Planaltina-DF
2017

MARIA HELENA SERAFIM RODRIGUES

**ORALIDADE E LETRAMENTO EM UMA PERSPECTIVA DE INCLUSÃO
SOCIAL DO POVO KALUNGA**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em Educação do Campo, da Universidade de Brasília, como requisito final para obtenção do título de licenciada em Educação do Campo, com habilitação na área de Linguagem.

Orientadoras: Prof^ª Dra. Rosineide Magalhães de Sousa

Planaltina-DF
2017

MARIA HELENA SERAFIM RODRIGUES

**ORALIDADE E LETRAMENTO EM UMA PERSPECTIVA DE INCLUSÃO
SOCIAL DO POVO KALUNGA**

TERMO DE APROVAÇÃO DO ALUNO

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Licenciatura em Educação do Campo, como requisito final para a obtenção do grau de licenciado em linguagens. Educação do Campo, ocorrido em ___/___/2017.

Aprovada pela banca examinadora:

Profa. Dra. Rosineide Magalhães de Sousa - UnB (Orientadora)

Profa. Me. Roberta Rocha Ribeiro - UFTO (Examinadora)

Prof. Me. Juscelino Sampaio Nascimento UFPI (Examinador)

Planaltina – DF

2017

DEDICATORIA

Dedico esse trabalho a toda minha família, minha comunidade Tinguizal, meus amigos, professores, turma Chico Mendes e em especial ao meu marido João Alfredo, minha filha Maria Eduarda, meu filho Mauricio Eduardo, minha filha Aparecida de Fátima.



**João Alfredo Alves (Esposo), Maria Eduarda (filha), Maurício Eduardo (filho),
Aparecida de Fátima (filha), Elizangela Santana (amiga), Turma Chico Mendes
(LEdoC), Sylvania Ferreira e Euclides Eduardo (amigos), Lourdes Fernandes
(amiga), Adelino machado (amigo).**

AGRADECIMENTOS

Quero aqui agradecer primeiramente Deus por ter me dado o dom de caminhar ao encontro de novos horizontes, também agradecer o curso de licenciatura em educação do campo, por ser este o caminho percorrido, ao meu marido e filhos que não mediram esforços para garantir que continuasse essa caminhada e principalmente agradecer aos meus pais, Anita Pereira da Silva e Ozilton Serafim Rodrigues por ter me concebido o dom da vida e me ensinado a caminhar.

Aos meus professores que não mediram esforços para que eu pudesse seguir em frente, para que os desafios desse caminho não parecessem mais duros do que já eram, a direção do curso pelo o esforço que fazem para garantir nossa permanência neste caminho, em especial, a direção da universidade pelo o espaço concedido para que pudéssemos prosseguir com a caminhada.

Agradecer os funcionários por garantir o meu bem estar nesse espaço. Agradecer aos meus amigos, Adelino machado, Bruno Veiga, Euclides Mandu, Silvania Ferreira Nunes por me dar as mãos quando mais precisei, aos meus colegas de turma, pelos os aprendizados coletivos, e por fim agradecer em especial a minha orientadora Rosineide Sousa Magalhães, por acreditar em minha capacidade de caminhar, assim como os demais professores que direto ou indiretamente contribuíram para que eu chegasse a esse novo começo de caminhada. Em especial à banca composta pelos professores Juscelino Sampaio e Roberta Ribeiro pela disponibilidade e atenção em assistir a apresentação deste trabalho.

A todos vocês os meus agradecimentos e o meu imenso carinho. Buscarei aqui através das palavras de Cora Cris Pizzimenti (2013), expressa os meus sentimentos de gratidão por meio do seu poema “sou feita de retalhos” juntamente a todos vocês pude descobrir o sentido de construir caminhos letramentos. Fazendo uso das palavras da autora esse foi à construção do meu caminho de letramentos, a construção de caminhos de letramentos só são validas se construída em coletivo, não existe aprendizado solitário, nem conhecimento isolado, existes diferentes forma de ensino e diferentes formas de aprendizado, que de retalho em retalho constrói a identidade de um sujeito. Hoje posso dizer do que sou feita, quem me construiu, e quem eu sou e ainda quero ser.

Sou feita de retalhos.

Pedacinhos coloridos de cada vida que passa pela minha e que vou costurando na alma.
Nem sempre bonitos, nem sempre felizes, mas me acrescentam e me fazem ser quem eu sou.

Em cada encontro, em cada contato, vou ficando maior...

Em cada retalho, uma vida, uma lição, um carinho, uma saudade...

Que me tornam mais pessoa, mais humana, mais completa.

E penso que é assim mesmo que a vida se faz: de pedaços de outras gentes que vão se tornando
parte da gente também.

E a melhor parte é que nunca estaremos prontos, finalizados...

Haverá sempre um retalho novo para adicionar à alma.

Portanto, obrigada a cada um de vocês, que fazem parte da minha vida e que me permitem
engrandecer minha história com os retalhos deixados em mim. Que eu também possa deixar
pedacinhos de mim pelos caminhos e que eles possam ser parte das suas histórias.

E que assim, de retalho em retalho, possamos nos tornar, um dia, um imenso bordado de "nós".

(CRIZ PIZZIMENTI, 2013)

LISTA DE ABREVIATURAS

ACS- Agente Comunitário de Saúde

CELG-Companhia Elétrica de Goiás

FUNASA – Fundação Nacional de Saúde

FNDE- Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação

FUNDEF-Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério

IDH – Índice de Desenvolvimento Humano

LEDOC-Licenciatura em Educação do Campo

MEC- Ministério da Educação

PDDE- Plano de Dinheiro Direto na Escola

PDE- Plano de Desenvolvimento da Escola

PME-Plano de Melhoria da Escola

PNAE- Programa Nacional de alimento na Escola

PPP- Projeto Político Pedagógico

PRONERA-Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária

SANEAGO- Companhia de Saneamento de Goiás

SEF-Secretaria de Estado de Fazenda

LISTA DE QUADROS/ESQUEMAS

1 – ESQUEMA 1 - Construção do Projeto Político Pedagógico	85
2 - ESQUEMA 2 - Dialógica do Projeto Político Pedagógico	90

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - (A árvore nativa Tingui conhecido como timbó, árvore que inspirou o nome da comunidade:.....	37
Figura 2 - Detalhe do mapa da comunidade de Tinguizal com alguns recursos naturais orientado por um dos moradores locais. Município de Monte Alegre de Goiás (GO):.....	52
Figura 3 - Pequeno caminhão de carga que faz o transporte de moradores e cargas diversas da sede do município de Monte Alegre até as comunidades Kalunga:.....	53
Figura 4 - Mulheres da comunidade do Tinguizal utilizando o córrego local para lavagem de panelas e vasilhas:.....	54
Figura 5.1.2 – Benzimento de dor de cabeça:.....	61
Figura 6 – Benzimento contra mau olhado e quebranto:.....	61
Figura 7 – Folia (Canto/chegada):.....	62
Figura 8.1.2 – Dança da sussa/susseiras:.....	63
Figura 09 – Rezas:	63
Figura 10.1.2 - Uma história do povo Kalunga. Caderno de atividades e encarte para o professor:.....	85
Figura 11 - Escola Municipal Tinguizal:.....	86
Figura 12.1.2 - Escola Municipal Tinguizal interior da sala de aula e pátio:.....	88
Figura 13 – Mapa das Localidades Quilombolas Kalunga:.....	100
Figura 14 – Mapa das Comunidades por Municípios:.....	101

RESUMO

A Pesquisa, em foco, aborda Oralidade e Letramento em uma Perspectiva de Inclusão Social do Povo Kalunga, contextualizando a Comunidade Escolar Quilombola Tinguizal, situada no município de Monte Alegre de Goiás. A fundamentação Teórica tem como referências principais os autores: Araújo (2016); Baiocchi (2013); Bortoni-Ricardo (2009); Couto 2013; Dionísio (2007); Gil (2010); Marcuschi (2007); Rojo (2012, 2014); Salles 2014; Sousa (2006) e Triviños (1987), entre outros. O presente trabalho foi organizado conforme os procedimentos de capítulos e subtemas, entre eles: Oralidade, letramentos múltiplos, compreensão de letramento em comunidades tradicionais, contextualizando educação quilombola, análise de dados, considerações finais, entre outros aspectos comuns a um trabalho de pesquisa, de forma a entender a complexidade das problemáticas relacionadas ao tema principal. Para cada subtema é proposto referências bibliográficas de autores com afinidade e informações sistemáticas sobre os assuntos abordados, com discussão contextualizada. De modo geral, pretende-se neste trabalho dialogar o tema geral com as possibilidades de rever as práticas de ensino na comunidade quilombola, propondo aos educadores reflexão acerca do papel da escola em relação a cultural local, favorecendo assim que a oralidade e os letramentos comuns desse grupo social sejam inseridos nas práticas de ensino. O trabalho contribui para que Tinguizal e outras Comunidades Quilombolas Kalunga, tenham acesso a uma pesquisa com tema voltado a significação da aprendizagem, proporcionando a educadores, educandos e universitários, referências para possíveis estudos futuros. O trabalho contribui também para que professores e alunos possam trabalhar a temática em sala de aula com maior precisão pedagógica em comum acordo e diálogo com o currículo referência de ensino proposto para a escola nas comunidades quilombolas, em especial, Tinguizal.

Palavras – Chaves: Oralidade e Letramento, Inclusão Social Kalunga.

ABSTRACT

The research focus, covers Orality and literacy in a perspective of Social inclusion of People Kalunga, contextualizing the Quilombola Tinguizal school community, situated in the municipality of Monte Alegre de Goiás. The theoretical foundation has as main references the authors: Aguilar (2016); Baiocchi (2013); Bortoni-Ricardo (2009); Couto 2013; Dionysus (2007); Gil (2010); Depends (2007); Rojo (2012, 2014); S 2014; Sousa (2006) and Triviños (1987), among others. The present work was organized as the procedures of chapters and sub-themes, including: Orality, letramentos, literacy and comprehension letramento in traditional communities, quilombola, data analysis, final considerations, among other aspects common to a research paper, in order to understand the complexity of the problems related to the main theme. For each sub-theme proposes references to authors with affinity and systematic information on the subjects dealt with contextualized discussion. In General, this work aims to engage the general theme with the possibilities of reviewing the practices of teaching on the quilombola community, offering educators reflection about the role of the school in relation to local cultural, favoring so the orality and the common letramentos of this social group are inserted into teaching practices. The work contributes to that Tinguizal and Quilombo Kalunga communities, have access to a survey theme back the meaning of learning, providing educators, students and academics, references to possible future studies. The work also contributes to that teachers and students can work the topic into the classroom with greater precision in mutual agreement and dialogue teaching with the curriculum teaching reference proposed for the school in quilombolas communities, in particular, Tinguizal.

Key Words: Orality and literacy, Social inclusion Kalunga.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO:	14
CAPÍTULO I – BASE TEÓRICA:	18
1.1 - Oralidade e letramentos múltiplos em quilombos	18
1.2 - Letramento, que bicho é esse? A compreensão de letramento em comunidades tradicionais	24
1.3 - <i>A Educação Escolar Quilombola (EEQ): entre a educação do campo e uma proposta contextualizada</i>	27
1.3.1- A proposta de letramentos múltiplos para a Educação Escolar Quilombola	34
CAPÍTULO II - METODOLOGIA DE PESQUISA	37
2.1 - Instrumento e procedimentos para a coleta de dados.....	37
2.2 - Instrumento e procedimentos para geração de dados.....	43
CAPÍTULO III - ANÁLISE DE DADOS	46
3.1 - Saberes e fazeres do povo Kalunga: uma pratica de letramento social diferenciada.....	46
3.2 - Letramento 1: Ritos, Rezas e benzimentos.....	48
3.3 - Letramento 2: Poesia e música e dança.....	50
3.4 - Contextualização Escola Municipal Tinguizal e Projeto Político Pedagógico.....	84
CONSIDERAÇÕES FINAIS	93
REFERÊNCIAS	95
ANEXOS	100

INTRODUÇÃO

A oralidade é um aspecto fundamental da tradição cultural do povo Kalunga. Durante muitos séculos os registros da trajetória histórica do povo Kalunga foram feitos por meio da oralidade, da memória individual e coletiva que narravam suas práticas culturais, origem e identidade enquanto descendentes de pessoas escravizadas. Cotidianamente nos deparamos com diversas práticas sociais que envolvem o uso da língua com objetivos e contextos distintos que por meio da oralidade, leitura e escrita atribuem sentido e significado diante dos saberes maternos e das informações que circulam em nosso meio social.

A leitura e a escrita fazem parte das estratégias de autonomia e de igualdade social para o povo Kalunga, tendo o ensino escolar um forte aliado nas lutas por melhores condições de vida, mas que ao mesmo tempo vem desestruturando as práticas de oralidade ao desconsiderá-las como fruto da cultura e tradições de nosso povo – constituam-se em parte do letramento adquiridos pelos sujeitos Kalunga em diferentes e diversos contextos, em detrimento dos saberes locais que estão sendo perdidos.

Atualmente, percebemos que a conscientização e o interesse por parte dos jovens quanto à importância da preservação da cultura quilombola tem sido um desafio a ser cumprido, tendo em vista o crescente desinteresse pelas tradições e identidade cultural da comunidade Kalunga, desse modo se faz necessário conscientizar os jovens e moradores das comunidades quilombolas Kalunga, para que eles tenham interesse, na preservação da sua cultura, não somente na escola como também na comunidade e na sociedade em geral sendo uma autoafirmação de sua cultura e de sua identidade.

De acordo com as diretrizes para a Educação Escolar Quilombola (EEQ) os sistemas de ensino em terras quilombolas deveriam adotar uma postura didática em conformidade com a valorização da cultura local, tendo como objetivo maior o fortalecimento dessa cultura presente na vida dos alunos. Com isso, os professores deveriam utilizar em suas práticas pedagógicas atividades múltiplas que englobem temáticas voltadas ao contexto histórico sócio cultural da comunidade. Tais como seus saberes autóctones, festividades, crenças, costumes e valores identitários que são transmitidos via processos de oralidade.

A abordagem dos letramentos em consonância com a tradição oral estabelecidos no âmbito sócio comunicativo do povo Kalunga, possibilita percebermos que nenhuma ação comunicativa se dá em um processo individual, sem que haja uma dinamicidade de

saberes e sujeitos envolvidos, seja ele letrado ou não, todos fazem parte de um só processo de interação social. Sendo assim, o sentido de letramentos na comunidade Kalunga se faz muito mais amplo e profundo, vai além do que a escrita convencional pode descrever.

A relação entre letramento, oralidade e saberes tradicionais Kalunga e saberes acadêmicos se justifica pelo fato de tanto um quanto o outro, constitui-se em um processo de letramento dinâmico, através de dinâmicas de socialização, em que os mesmos abrangem, sob as mais diversas formas, todos os sujeitos e visam transmitir-lhes conhecimento, através da vivência, relações e experiências individuais, coletivas e sociais, de modo a possibilitar-lhes a interação entre si e ao meio em que vive, e entre si e a sociedade em geral. A oralidade em seu núcleo constitutivo configura-se como uma produção coletiva que a torna raiz central e patrimônio de todos, bem como uma relação entre ação e reflexão de modo que suas práticas sociais de letramentos, simultaneamente são seus saberes representados e autointerpretado no seu fazer.

Assim, a socialização do conhecimento enquanto tal (dos seus códigos, normas, regras, representações e signos) opera sobre os sujeitos individualmente e socialmente na construção da identidade acerca de si próprio e de outros sujeitos.

A problemática desta pesquisa surge da realidade situacional quilombola acerca da falta de uma perspectiva de ensino capaz de incluir o povo quilombola enquanto grupo social com especificidades próprias na cultura, nas relações sociais, econômicas e educacionais. Como já mencionado, a Pesquisa em foco trata da Oralidade e Letramento em uma Perspectiva de Inclusão Social do Povo Kalunga. Ao tratar da Oralidade, letramentos múltiplos, compreensão de letramento em comunidades tradicionais, contextualizando educação quilombola, pretende-se questionar de forma crítica e construtiva a realidade atual, mas propondo um diálogo e reflexão acerca do papel do educador nas escolas quilombolas. Diante do exposto, o objetivo principal é investigar as práticas de ensino na comunidade quilombola, propondo aos educadores reflexão acerca do papel da escola em relação à cultural local, favorecendo assim que a oralidade e os letramentos comuns desse grupo social sejam inseridos nas práticas de ensino.

É comum nas escolas atuais o discursos de contextualização do ensino, porém esta realidade na prática ainda é muito distante, pois a maioria dos responsáveis pelo ensino nas salas de aulas ainda seguem o currículo referencial na risca sem se preocupar

com as especificidades de cada educando em seu contexto de vida social, cultural e econômico. Desse modo, a educação não atende os requisitos de uma prática dialógica do conhecimento, ou seja, o que é ensinado nas escolas não tem significados algum ao público atendido.

A pesquisa cujo tema geral: Oralidade e Letramento em uma Perspectiva de Inclusão Social do Povo Kalunga terá como foco a compreensão sistemática e contextualizada, seja pelos autores apresentados, como pelas considerações e argumentações expostas em cada subtema, para que se tenha plena consciência crítica do que é proposto pelo objetivo geral e pelos específicos.

Objetivos:

Geral:

Investigar e analisar: Oralidade e Letramento em uma perspectiva de inclusão social do Povo Kalunga, da comunidade Tinguizal.

Específicos:

- a) Investigar como funcionam historicamente os processos de oralidade na comunidade Tinguizal;
- b) Mapear e relacionar discursos representativos de letramentos tradicionais Kalunga;
- c) Identificar que influencias o contexto sociocultural exercem na comunidade e na escola;
- d) Investigar em que medida a formação de professores contribui para o reconhecimento dos múltiplos letramentos da comunidade e o fortalecimento dos mesmos.

Portanto, este trabalho apresenta os resultados de uma pesquisa que vem sendo realizada com a comunidade Tinguizal situada em Território Quilombola Kalunga no município de Monte Alegre de Goiás (GO), mais precisamente com a comunidade escolar da Escola Municipal Tinguizal, onde são investigadas, discutidas, analisadas e caracterizadas a relação entre a cultura local, oralidade e as possibilidades de multiletramento que os sujeitos dessa comunidade podem protagonizar.

Para a realização do trabalho recorreremos criteriosamente a varias teorias consultadas considerando a qualidade dos materiais e fontes de pesquisa, bem como dos autores consultados. Após a leitura de vários artigos e livros, alguns abaixo selecionados foram escolhidos para compor a fundamentação Teórica deste trabalho, para que houvesse embasamento e contextualidade do tema, procedimentos e metodologia organizacional do ponto de vista científico na elaboração do trabalho. Depois dos estudos de cada autor, foram realizadas observações informais e pesquisa via entrevistas contextualizando o tema geral na Comunidade Quilombola Tinguizal – Kalunga Monte Alegre de Goiás, buscando assim responder as problemáticas levantadas ao longo fundamentação. Dentre os autores escolhidos: ARAUJO (2016); BAIOCCHI (2013); BORTONI-RICARDO (2008 e 2009); COUTO 2013; DIAS (2011); DIONISIO (2007); Gil (2010); MARCUSCHI (2007); ROJO (2009 e 2012); SALLES 2014; SOUSA (2006).

O primeiro capítulo traz a base teórica abordando temas e subtemas como: Oralidade e letramentos múltiplos em quilombos, A compreensão de letramento em comunidades tradicionais, A Educação Escolar Quilombola e educação do campo e uma proposta contextualizada, A proposta de letramentos múltiplos para a Educação Escolar Quilombola.

O segundo capítulo trata-se da Metodologia de Pesquisa, abrangendo: Instrumento e procedimentos para a coleta e geração de dados, do qual pretende apresentar além de embasamento teórico sobre Metodologia de Pesquisa, expõem também os critérios, objetos de pesquisa e investigação e estudo do material coletado para assim satisfazer os critérios de uma pesquisa científica de cunho acadêmico.

O terceiro e último capítulo traz a análise de dados coletados de forma crítica e contextual, cujos temas e subtemas abordam os Saberes e fazeres do povo Kalunga: uma pratica de letramento social diferenciadas, os letramentos ritos, rezas e benzimentos, poesia, música e dança e a contextualização da Escola Municipal Tinguizal e do seu Projeto Político Pedagógico em diálogo com os temas apresentados.

CAPÍTULO I – BASE TEÓRICA

1.1 - Oralidade e letramentos múltiplos em quilombos

Abordar os temas oralidade e letramento enquanto práticas sociais requer uma visão ampla do que significa formar cidadãos críticos e autônomos. Para Sousa (2006, p. 26), esses são caminhos de construção de identidade social de um povo, parte do micro para o macro:

Assumimos varias identidades para promover relações sociais. Uma pessoa, uma mulher, por exemplo: assume o papel mãe, esposa, profissional, de filha etc. Para cada um desses papeis assume um comportamento e a competência comunicativa que faz com que a pessoa saiba interagir com o outro, dependendo da situação. (SOUSA 2006, p. 26),

A construção social de um povo tende a ser de modo articulado com suas ações. As práticas comunicativas sociais (oralidade e letramento) bem como o discurso que é realizado pelos sujeitos que constroem uma identidade social; práticas essas que interage com as demais relações sociais necessárias na sociedade, a econômica e a política.

Logo debater práticas de relações sociais, tende aborda vivência cotidiana e memórias de sujeito em suas diversas atividades, exige perceber a multiplicidade de letramentos que dialogam na construção social desse sujeito no meio em que vive e na sociedade em geral.

Esses recursos comunicativos são necessários tanto para o discurso escrito, quanto para a oral, são recursos que dialogam entre si como ferramentas linguísticas que facilitam: a leitura, a escrita, a compreensão de texto escrito ou oral e o diálogo (SOUSA, 2006).

Entender essa dinamicidade de práticas sociais enquanto promotoras de conhecimento é perceber a existência de novos fatores de influência linguística social, que já não podem ser ignorados nos meios que fazem uso da língua. Para Sousa (2006, p.25) “ao analisar o discurso, revela identidades, crenças e valores das pessoas. Assim, em um sentido global, podemos dizer que ela abrange as dimensões da fala, da cultura, da cognição e da interação”. Ainda segundo o autor:

Os conhecimentos da sociolinguística interacional possibilitam ao pesquisador, que está interessado em investigar e buscar novas experiências na interação face a face, uma base teórica multidisciplinar, pois ela está ancorada nos conhecimentos da linguística, sociologia, e

antropologia as quais encabem três campos: o da linguagem, da sociedade e da cultura (SOUSA, 2006, p. 25).

Assim debater oralidade e letramento, é compreender que nossas ferramentas sociolinguísticas transcendem sua historicidade, pois os letramentos sociais são criações antigas, repassadas de geração a geração, que resulta em importantes instrumentos linguísticos de inclusão social ou intercultural, ou seja, instrumentos de conhecimento que circula nos meios sociais. Nesse sentido, Marcushi & Dionísio (2007, p. 17) dizem que “até algum tempo, os manuais de ensino e mesmo os estudos da língua não dava muita atenção aos usos linguísticos reais e se ocupava mais dos aspectos formais, tais como as regras e as normas da língua [...]. Hoje, há uma grande sensibilidade dos usos da língua”.

O pensamento moderno da sociolinguística restaura essa dimensão. Assim nos diz Araújo “qualquer ciência que pretenda abranger o máximo da dinâmica dos processos sociais não pode deixar de fora o caráter interdisciplinar [...], portanto constituir-se de modo interdisciplinar implica uma construção teórica mais ampla e capaz de abranger um leque maior das relações sociais” (ARAUJO, 2016, p. 41).

Os estudos sociolinguísticos podem ser o caminho mais eficaz para o reconhecimento e a valorização da diversidade de práticas social enquanto promotora de letramentos, como parte da reconstrução da história social de um povo. Sendo assim, a oralidade e o letramento proposto por esse trabalho, são teorias em movimento, que abrangem esclarecimentos em termo de princípios, conceitos, novas compreensões, estratégia a ser adotada para implementação das novas orientações linguísticas. Para Sousa, o papel do pesquisador e da metodologia adotada por ele é de fundamental importância para estudos sociolinguísticos.

No papel do pesquisador, por exemplo, quando adotamos a metodologia etnográfica, a interação face a face é à base de tudo, porque, assim, podemos estabelecer uma relação interpessoal que tende a ser cooperativa para o propósito que se pretende. “Nessas relações, são revelados aspectos sociais, culturais, e identitários que podem ser congruentes ou entrar em conflito com a nossa identidade”. (SOUSA, 2006, p.29)

Nessas perspectivas conseguiremos identificar e problematizar relações de desigualdade social, imposição, ideologias e assimilação de culturas dominantes, e as

ameaças à identidade de um povo. No entanto, para não ocorrer de estarmos apenas realizando um mero exercício de oratória, será necessário buscar estratégias linguísticas diferentes das convencionais no sentido de transversalizar o conhecimento de modo abranger práticas sociais produtoras e portadoras dessa nova visão.

Conforme essa exposição, na interação face a face, construímos enunciados que constituem a comunicação. O contexto de interação é marcado pela linguagem verbal e não verbal [...]. Na interação face a face exercemos nossos papéis sociais, revelando identidades, crenças e valores que são interpretados pelo outro (SOUSA, 2006, P. 30).

A expansão sociolinguística é fundamental para efetivação desse discurso de transversalidade do conhecimento por meio das práticas de relações sociais, isso implica nos estudos linguísticos internos (conceitos) e externos (atividades sociais) o reconhecimento intercultural de identidade. Dessa forma, direcionaremos nosso olhar para o conceito de oralidade e letramento como conceitos: “cultural”- oralidade é “cultural”, letramento é “cultural”, e tanto um quanto outro, são práticas sociais, podemos então dizer que estes são conceitos culturais. É esse o discurso inovador que podemos propor para o estudo da sociolinguística em comunidades tradicionais.

A oralidade, assim como o letramento, são estudados e analisados com base em suas práticas sociais, considerando, desse modo, seus usos na vida cotidiana, sendo concebidas atividades interativas e complementares social e culturalmente. (MARCUSCHI.2001.P. 37)

Contudo, este trabalho assume essa perspectiva intercultural interdisciplinar quando, ao se tratar de oralidade e letramento apoia em teorias linguísticas, sociológicas e filosóficas voltadas para o conhecimento social, assumindo em seu discurso o conhecimento filosófico interdisciplinar simplesmente por que:

Em termos gerais, o letramento diz respeito às práticas discursivas que fazem uso da escrita. Uma pessoa pode ser letrada sem ter ido à escola, pois ela tem um letramento espontâneo. Assim, é possível fazer uma distinção entre o letramento e a alfabetização, desde que se veja esta como um domínio formal da escrita e aquele como as práticas sociais da escrita. Esse aspecto é fundamental, e podemos dizer que existem vários letramentos, que vão desde um domínio muito pequeno e básico da escrita até um domínio muito grande e formal, como no caso de pessoas muito escolarizadas, com formação universitária, por exemplo (MARCUSCHI, 2007, p.32).

Portanto, abordar temas sociolinguísticos, em práticas sociais comunicativas, carece de um olhar amplo em como esses conceitos se disseminam por meio de

pressupostos linguísticos, conceituando-se, em sua totalidade por meio das diversidades intercultural das práticas sociais em sua complexa dimensão social.

Ao se tratar de estudos sociolinguísticos, Borstel (2014) destaca dois linguistas importantes para os estudos da língua, são eles Fernando Tarallo e Willian Labov, ele diz que:

Através de seus estudos linguísticos e pesquisas sobre a variação, os autores evidenciaram em suas pesquisas que a variação e, ou mudança linguística ocorria não por fatores propriamente linguísticos, mas também, por fatores não linguísticos, ou seja, a idade, classe social, sexo/gênero feminino ou masculino, tempo e espaço geográfico, escolaridade, etnia, religião, fatores que influenciavam sobremaneira, os elementos linguísticos da língua (BORSTEL.2014.P.4).

A busca por resposta sobre estas variações linguística fez com que as ciências sociais em especial a linguística desencadeassem uma serie de estudos voltados para estes fatores de manifestações sociais da língua, denominado de sociocultural. Nesse sentido, Bortoni-Ricardo e Freitas dizem que:

A evolução de duas premissas básica da linguística estruturalista do século XX criou condições para a emergência do ramo da linguística que veio a ser denominada, sociolinguística, graças o seu caráter interdisciplinar. As duas premissas são o relativismo cultural e a heterogeneidade inerente e ordenada na língua de qualquer comunidade de fala. O primeiro foi herdado da tradição antropológica, o segundo a qual nenhuma cultura ou língua de uma comunidade deveria ser classificada como inferior ou subdesenvolvida independentemente do nível de tecnologia que aquela comunidade já tivesse atingido (BORTONI-RICARDO E FREITAS, 2009, p.1).

Com base nesses princípios sociolinguísticos e de acordo com conjunto de situações que envolvem práticas discursivas sociais pode-se dizer que oralidade e letramento são duas modalidades, (fala e escrita) que mesmos que inicialmente pareçam ser dicotômicas² não são contrárias uma a outra. Apesar de se apresentar enquanto acontecimentos específicos e tenhas em suas atividades processos específicos, não diz que são contrárias ambas incorporam noções de complexidade da língua manifestada na cultura linguística que produz ou reproduz práticas sociais intercultural, ora oral, ora escrita, subentendido no relativismo cultural e na heterogeneidade.

Não há razão alguma para continuar defendendo uma divisão dicotômica entre fala e escrita nem se justifica o privilegio da escrita sobre a oralidade. Ambas tem um papel importante a cumprir e não se

competem [...] Em suma oralidade e escrita não estão em competição. Cada uma tem sua historia e seu papel na sociedade (MARCUSHI E DIONISIO, 2007.P. 16).

No entanto, conceitos como oralidade e letramento fazem parte do pacote variacionista, sociolinguista enquanto propulsores da língua em suas diversas formas de expressões linguísticas multimodais. Neste sentido, Bortoni (2009) diz que: “Num primeiro momento, o conceito de relativismo cultural aplicou-se a comparação entre línguas, mas quando a premissa de heterogeneidade inerente foi postulada pela Sociolinguística variacionista, no final dos anos 1960, esse conceito passou a aplicar-se também as múltiplas variedades e estilos de uma mesma língua”.

A partir da década de 60, os linguistas passaram a priorizar investigações de aspectos que dialeticamente interagem os métodos de aquisição e de aperfeiçoamento da língua, oral e escrita na formação social, na organização, e na disseminação das práticas sociais, pode-se dizer que nenhuma ação social se concretiza sem que haja interação, treinamento, disseminação, e desenvolvimento de atividades sociais comunicativas, sendo assim pode-se dizer que oralidade e letramento mediante as palavras de Kleiman (2009) é um conjunto de práticas sociais, cujo modo específico de funcionamento tem implicações importantes para as formas pelas quais os sujeitos envolvidos nessas práticas constroem relações de identidade e poder.

As novas regras da sociolinguística demonstram que gêneros textuais como oralidade e letramento não se deixam aprisionar em um só conteúdo pronto. A liberdade que se amplia nas formas de estudo e pesquisa, evidencia a amplitude e a complexidade de sua forma capaz de criar as condições e alcance da língua e de aproveitá-las nesse benefício. Sendo assim Bortoni e Freitas dizem que:

Desde segunda metade do século XX, nos estágios formativos da ciência linguística no Brasil, os pesquisadores pioneiros apontaram para necessidades de seus estudos assumirem um compromisso com os problemas linguísticos brasileiros; tais como a documentação das línguas brasileiras; descrição de línguas sobreviventes em comunidades de imigrantes; as características e o status da norma brasileira de língua portuguesa e o ensino dessa norma nas escolas do país. (BORTONI e FREITAS, 2009)

Contudo, a sociolinguística busca a interpretação da língua para além das normas linguísticas, diante das necessidades de compreensão acerca das práticas sociais, de sua natureza e cultura como uma das dimensões de sua forma e de sua construção de conhecimento e de relações sociais. Em um sentido filosófico, pode-se dizer que a

sociolinguística pensa a língua por meio dela mesma. A começar por sua própria definição e capacidade de alcance.

Sendo assim Borstel (2014) diz:

A sociolinguística constitui um estudo científico que prima pela a relação língua e sociedade, mostrando que o fenômeno linguístico sofre a influência dos aspectos sociais, culturais, identitários, econômicos, étnicos, religiosos e políticos. (Borstel 2014.p.4)

Os estudos da língua através da oralidade e do letramento requerem uma reflexão em torno das condições e possibilidades das práticas sociais de produção, reprodução e justificação da língua no seu fazer mediante as formas simbólicas que a representa – fala e escrita. De acordo com Borstel (2014):

O surgimento dos estudos sociolinguístico deve-se a uma tentativa de combater aos estudos puramente estruturalistas da linguagem, uma vez que estes não levava em conta as considerações sobre a relação língua e sociedade, mas tão somente a relação interna da língua, sem observar o contexto social, cultural, étnico, religioso, político e econômico em uma sociedade ou em uma comunidade de fala. (BORSTEL 2014. P. 4)

A constatação sociolinguística desses conceitos que convivem na e com as práticas sociais apontam a língua enquanto socialização cultural. Suas práticas transcendem os limites da própria linguística. Se pensarmos a fala e a escrita como algo comum que circula nos meios e nas práticas sociais e que vivem conjuntamente a definição da língua nos remete a pensar que as relações sociais a torna um bem de todos, e que a torna cultura. A cultura da língua social nesse caso se constitui linguisticamente na medida em que se faz no coletivo. A relação entre língua, sujeito e sociedade faz com que a cultura da língua, seja ela , falada ou escrita desempenha funções de relações sociais.

O reconhecimento da oralidade e letramento enquanto letramento cultural como um constitutivo social da língua permite à busca de informações por meio do seu uso. Nesse sentido, percebe-se o esforço da sociolinguística em compreender como a língua pode conduzir eventos de letramentos que estão intrinsecamente associados às práticas sociais, de um grupo de pessoas, de uma comunidade, enfim da sociedade em geral.

1.2 - Letramento, que bicho é esse? A compreensão de letramento em comunidades tradicionais

O que as comunidades tradicionais com ampla maioria de sua população sem saber ler ou escrever pensariam sobre o conceito de letramento? Segundo Rojo (2009) em seu texto “Letramentos múltiplos, escola e inclusão social” procura definir letramento como um conceito amplo e o que se trata nessa perspectiva são os usos, as práticas de leitura e escrita presentes no cotidiano das pessoas, pois atualmente a escrita está presente em todo momento e por todas as partes em diferentes contextos sociais.

Sousa (2006) destaca que “a escrita e a leitura são consumidas, hoje, pelas pessoas como meio de sobrevivência, com o objetivo de formação acadêmica, profissional, integração e interação social, resolução de problemas cotidianos, condição de entender o mundo e suas tecnologias”.

Observamos o significado de letramento apenas em sua real aparência, realmente dá se a entender que quem não sabe ler, nem escrever não se enquadra nessa nova sociedade que está sendo construída. A exclusão do sujeito não letrado aparentemente é visível. Nesse sentido, Sousa (2006) diz que “O melhor modo de as pessoas ampliarem sua compreensão das práticas de letramento, é refletindo sobre as próprias práticas do cotidiano que são norteadas pelo letramento”.

Dessa forma, a educação caminha para superação de metodologias que promove o distanciamento entre escola e comunidade, neste contexto assumindo um posicionamento de que ao se tratar das questões educativas, a comunidade e escola assumem o “papel de educar, educador social” educação por meio da escola e da comunidade/sociedade, suas atividades educativas. Neste contexto, pautam pelas discussões curriculares, pelo diálogo entre profissionais da escola e da comunidade, promovendo assim uma educação coletiva, capaz de dialogar com as diversas questões e práticas sociais, promovendo letramento social, não sendo mais, apenas responsabilidade da escola a promover letramento, múltiplos letramento, ou multiletramento.

Os letramentos passam a ser responsabilidade de todos, país, estado, municípios, escola, comunidade, ou seja, a sociedade em geral. Esse caminho é o que parece possibilitar uma educação igualitária, uma educação social, com condições de garantir valores, pluralidade de ideias/pensamentos e alteridade, garantindo a ampliação dos espaços educativos, não é ampliação do espaço/prédio escolar, é a ampliação dos espaços de promoção da igualdade de oportunidades, participação e exercício da autonomia.

Partindo desses pressupostos, podemos destacar a importância da presença dos letramentos desde a organização do Projeto Político Pedagógico da escola (PPP), da

definição curricular de conteúdos, a produção e manuseio do material didático, a aprendizagem e definição dos códigos, a construção do discurso, a relação língua e linguagem, procedimentos avaliativos, a organização e direcionamento da gestão para a participação de todos, para um todo, até a realização de pesquisa dentro e fora do ambiente escolar.

Estes sujeitos não só estão aprendendo, como também estão ensinando, enfim estão construindo práticas de letramentos. Estes letramentos se estabelecem prioritariamente em ambiente local, local de vivência do sujeito é um letramento social, porém de dimensão local.

Todavia, essas questões relativas a melhorias das ações educativas com convicção de melhoria da qualidade de ensino, são questões basicamente institucionais voltadas para a formação docentes. Atualmente, as instituições de ensino prima cada vez mais pela formação ou aperfeiçoamento do professor, porém, até que ponto a responsabilidade da qualidade do ensino é do professor?

Para Azanha, somente a formação de professores ou o aperfeiçoamento dos mesmos não é garantia de melhoria da qualidade de ensino, veja o que ele diz:

São as escolas que precisam ser melhorada, sem este esforço institucional, o aperfeiçoamento isolado de docentes não garante que eventual melhoria do professor encontre na prática as condições propícias para uma melhoria do ensino [...]. A entidade a ser objeto de atuação em uma política de melhoria do ensino é a escola e não as “competências” profissionais de um indivíduo (AZANHA,1995,p.203).

Assim, a formação docente ou a sua prática não é o bastante, é a instituição de ensino que produz o professor, pois o seu exercício se vincula a uma instituição com práticas sociais. A qual exercerá sua função, se a mesma não sabe o que produzir ou como produzir, a estrutura do ensino estará prejudicada, e conseqüentemente os letramentos também. Neste caso o ensino é visto apenas como transmissão de conhecimento e desenvolvimento de capacidade em um indivíduo, não enquanto prática social, assim como o professor será visto como o único detentor do saber. Neste sentido Azanha deixa claro que não é por falta de conhecimento, como afirma abaixo:

é claro que há, hoje, um saber acumulado sobre a situação de ensino-aprendizagem que pode até permitir a indicação de condições propícias á obtenção de um ensino com êxito. Mas isso não é suficiente, porque ensinar com êxito é diferente de ter posse de um saber proporcional, é um saber fazer, uma habilidade. Do mesmo modo escrever bem, argumentar bem não se reduz ao domínio de noções de gramática ou de

lógica. Isto posto, a conclusão é que a melhoria da prática somente pode ser feita pela crítica da própria prática, no momento em que ela ocorre, e não pela crítica teórica de uma prática abstratamente descrita, ainda que essa descrição seja feita pelos próprios praticantes (AZANHA,1995.p. 203).

Essa perspectiva voltada para a compreensão do docente a partir de sua função na instituição, não deve se restringir meramente a sua prática ou seu esforço individual, deve-se levar em consideração o ambiente de ensino, o material didático, a matriz curricular, os conteúdos, os estudos teóricos desenvolvidos neste meio, enfim todo o contexto escolar, de forma a não centralizar a responsabilidade da qualidade do ensino ao professor, mas na complexidade e na interação de todos os elementos envolvidos a qual se configura a instituição de ensino.

Devemos entender a escola como espaço social, sua configuração é de caráter formativo, com diferentes sujeitos, diferentes funções, um só objetivo, que é o de promover letramento e dele fazer parte, tendo como referência as práticas sociais que caracterizam esse ambiente e não meramente um ou outro elemento isolado de sua configuração.

Esse pressuposto, mesmo que não tenhamos clareza de como ele se reflete em comunidades tradicionais, tem gerado uma ampla discussão centrada na produção e difusão dos letramentos nos meios sociais. Fazendo com o conceito de letramento saia de sua zona de conforto, e passa a percorrer caminhos em práticas sociais que por muitas gerações foram difusa na oralidade.

Em termos de distinção entre a língua escrita e a língua oral, Amaral (2005) explica que a fala é utilizada quando se está diante do interlocutor, e por outro lado a escrita é utilizada quando se está distante do mesmo. A autora afirma ainda haver algumas diferenças entre a língua escrita e a língua oral, embora sem oposição rígida.

Segundo Amaral (2005), o uso da fala pode variar entre: falas elaboradas com organizações e vocabulários mais próximo da escrita a depender da situação se utilizam a linguagem coloquial; a escrita também pode variar entre escrita pessoal e escrita formal, ou seja, varia de acordo com o contexto.

Em resumo, com a expressão “fala”, designamos as formas orais do ponto de vista do material linguístico e de sua realização textual-discursiva. O mesmo acontece com a expressão “escrita”, que será usada para designar o material linguístico da escrita, ou seja, as formas de textualização na escrita. Às vezes serão também usadas as expressões “língua falada” e “língua escrita”, mas, como não se trata de

duas línguas, preferimos deixar de lado essas expressões, que podem ser usadas desde que se tenha claro que não são duas línguas, e sim dois modos de representação da mesma língua, embora cada um dos dois modos tenha uma história própria, [...] evitar reduzir a fala simplesmente ao código oral e a escrita ao código gráfico, pois essas duas tecnologias são muito mais do que dois códigos, já que têm formas de significação que lhes são próprias (MARCUSCHI, 2007, p.32).

Salles (2014) afirma que atualmente o sujeito se encontra envolto por uma gama de imagens que circulam principalmente nas práticas escritas, com isso modifica a linguagem visual e provoca alterações no discurso que se produz ligado por vínculos, desse modo à modalidade escrita e visual ganha destaque nas diferentes mídias, fato esse que evidencia os textos multimodais, ou seja, textos que faz uso de duas ou mais modalidades semióticas (que estuda os signos, os fenômenos culturais e os sistemas de significados) em sua composição; Para o mesmo autor a linguagem da atualidade contempla modalidades diferentes da língua escrita, por essa não dar mais conta da totalidade de usos que se faz da língua.

1.3 - A Educação Escolar Quilombola (EEQ): entre a educação do campo e uma proposta contextualizada

Uma das maiores forças de resistências sócio político e cultural do Brasil são os quilombos, a formação desses espaços tem início por volta do século XVI, e até os dias atuais esses territórios vivem em constante lutas por garantia de direitos negados desde suas constituições. Todavia esses enquanto espaços de resistências construíram estratégias de sobrevivências, dentre essas estratégias a construção do conhecimento, que durante muitos séculos se constituiu oralmente. A necessidade de ampliar os conhecimentos e na perspectiva de igualdade social, fez com que esses núcleos populacionais buscassem cada vez mais por um ensino escolarizado enquanto complemento dos conhecimentos historicamente construídos nos seus espaços de vivências.

Nesse sentido, educação escolar nesses espaços tem que garantir o um autoconhecimento do sujeito entre si e seu povo, entre si e o mundo, sendo assim a educação escolar tem um papel fundamental e grande importância nesses espaços.

Educação do Campo e Educação Quilombola, embora pareçam à mesma coisa no sentido curricular, de prática pedagógica e outros, são bem diferentes, quando se trata

de especificidades e diversidades culturais, econômicas e sociais. De modo geral a educação de campo tem um direcionamento de estudos e diretrizes comuns a todos os espaços rurais, já a educação quilombola por si, é uma questão diferenciada por tratar de situações histórias, culturais e econômicas bem acentuadas. O educador no espaço quilombola deve reconhecer-se em um espaço do qual necessita reconstruir o currículo de ensino e sua prática, fazendo possível um diálogo entre conhecimento sistemático, saberes locais, cultura, historicidade e produção econômica. Há, portanto, que se pensar em como tornar a escola parte significativa da vida dos educandos, para que não ocorra tanta evasão escolar.

Esse caminho é o que parece possibilitar uma educação igualitária, uma educação social, com condições de garantir valores, pluralidade de ideias/pensamentos e alteridade, garantindo a ampliação dos espaços educativos, não é ampliação do espaço/prédio escolar, é a ampliação dos espaços de promoção da igualdade de oportunidades, participação e exercício da autonomia.

É nesse debate de possíveis ações a serem feitas para a garantia de uma educação de igualdade, que se abrem as perspectivas da discussão de como educar a partir dos letramentos, em todos os níveis da educação, sabemos que letramento está além da escola. Porém, a escola ainda é a principal meio de promoção dos letramentos.

Procuraremos então desta a partir dessa discussão fazer um esboço de como pode ser trabalhado letramento nos ambientes educativos formais, seja No ou Do campo, em comunidades tradicionais (quilombola) na cidade e nas universidades. Como trabalhar letramento, em cada nível de ensino; fundamental, médio e superior? Vejamos:

Em ensino fundamental e médio, os sujeitos estão em um processo de construção de princípios e valores, pessoal e social, esses princípios e valores tende-se a dialogar, pois estes estarão presentes em todos os níveis de ensino e em todas as ações promovida ou desenvolvida pela a escola. Este é um espaço onde os sujeitos colocam em exercícios os conhecimentos mútuos, o respeito, a dignidade, e a ética. Aprendem e exercita cidadania e democracia É neste espaço que a diversidade social está em evidencia, ou seja, o conjunto de diferenças e valores compartilhado pelos os sujeitos individualmente e socialmente estarão expostos a todos, cabe a cada um compreender que é na diversidade que se faz um cidadão, para que ao invés de um espaço que se propõe a promover a igualdade, não seja a mesmos que cause desigualdades.

No ensino superior os letramentos se manifestam em todas as áreas do conhecimento, permeados de habilidades e de conhecimentos já adquiridos mediante ensino anteriores, este letramento vai para além das dimensões locais. Orientam-se pelas teorias de conhecimento que parte de uma realidade ou de um fato, seja ele histórico ou atual, sua abrangência se dá por meio da produção de conhecimento de uma área e as condições de análise que esta área oferece. Condições estas, de ser analisada, discutida, assumida, trabalhada e obtida. Isto é letramento transformado em ensino e como área de pesquisa. A produção desse conhecimento por meio dos letramentos é uma produção com mecanismos sociais reais e com participação da comunidade nas atividades e nos espaços de ensino superior.

O ensino superior contribui significativamente para compreensão de como os letramentos circula na sociedade, conceito como este caminha ao passo da necessidade atual, exigindo práticas e técnicas voltadas para as questões sociais da comunidade. Produções de conhecimentos científicos por meio das diversas áreas de conhecimentos: artísticos, tecnológicos, filosóficos dentre outros acessivo na e para comunidade com ações conduzidas pela pesquisa e técnicas pedagógicas. Pautadas nos princípios da sociolinguística para se desenvolver um conjunto ações de análise que possam servir de forma transversal interdisciplinar em todos os níveis de ensino, como é o caso dos letramentos.

As técnicas pedagógicas podem aliar: leitura; fichamento; interações grupais; seminários; grupos de estudos; seminários de pesquisa; projetos de responsabilidade social; construção de casos discussões de pesquisa; interação social; desenvolvimento de inserções comunitárias; leitura de textos; discussões, seminários; filmes; debates plurais; produção do conhecimento orientado; representações; discussões cases; simulações; teatralizações; pesquisa em websites. (SILVERIA, 2007, P. 324).

O letramento é o ato de produzir e desenvolver práticas sociais através da leitura e da escrita, compreender e decifrar os códigos, linguístico em circulação, relacionar, tanto com pessoas letradas, quanto com pessoas não letradas, ou seja, através de todo o contexto escolar esta produzindo letramento- a diversidade de práticas sociais que circula neste espaço e fora dele, é a garantia de uma formação intelectual.

O educando, sobretudo precisa sentir-se tocado em diversas dimensões e de diversas formas, assim como ter despertados os próprios sentidos á percepção do real é que permite recuperar a possibilidade de

aproximação da prática educativa, numa correção de rumos, em direção à conquista da subjetividade autônoma (SILVERIA, 2007.P.324).

Dessa forma, podemos compreender letramento, como prática social, geradora de um produto de conhecimento, mas que exige o envolvimento dos que desempenham essa função da produção, tanto os sujeitos envolvidos, os espaços de ensino, quanto a comunidade. Sendo assim letramento acontece nas relações cotidianas e por meio delas. Neste sentido afirma Silveira, (2007):

Por isso, as técnicas pedagógicas devem se orientar no sentido de uma geral recuperação da capacidade de sentir e pensar. Isto implica uma prática pedagógica capaz de penetrar pelos os sentidos, e , que portanto deve espelhar a capacidade de tocar os sentidos não dimensões do ver (uso do filme, da imagem, da foto na prática pedagógica) do fazer (tornar o aluno produtor, capaz de reagir na prática pedagógica) do sentir (vivenciar situações em que se imagina protagonista ou vítima da historia) do falar (interação que aproxima a importância de sua opinião) do ouvir (palavras, musica, sons, ruídos, efeitos sonoros, que repercutem na ênfase de uma informação, de uma análise, de um momento, de uma situação). (SILVERIA, 2007, p.323)

Para tanto, essa lógica começa a concretizar na comunidade a partir da formação de professores no Curso de Educação do Campo e vem sendo possível devido às lutas dos movimentos sociais em prol de uma educação de qualidade inclusiva e de identidade, do e para o povo do campo, constitui-se o curso de Licenciatura em Educação do Campo. Uma nova forma de educar e formar cidadãos capazes de pensar, agir, e socializar, transformando-se em sujeitos da construção da política social, cabendo ao povo do campo à capacidade de acumular experiências e avançar na construção de uma sociedade justa e igualitária.

A Educação do Campo surgiu mediante as lutas dos movimentos sociais, promovidas pelos povos do campo, pois o plano de educação vinha de fora do Brasil com suas bases formuladas para atender ao contexto de povos de outros países, e desse modo priorizava os interesses do capital em formar trabalhadores para atender as necessidades do mercado de trabalho.

De acordo com Molina e Tafareu a caracterização da Educação do campo se dá “na disputa travada em defesa da Educação do Campo, que diz respeito aos interesses da classe trabalhadora organizada no campo, e contra os interesses do agronegócio, gerido pelo capital nacional e internacional” (MOLINA & TAFAREU, 2012, p.575).

Com isso, para superação do modelo de política educacional capitalista surgem os movimentos sociais do campo na disputa pela elaboração de políticas públicas diferenciadas na forma e no conteúdo, formuladas com a participação dos sujeitos interessados nesse processo, de modo que essas políticas públicas atendam às necessidades dos povos do campo e sejam voltadas para garantia dos seus direitos, inclusive o direito a educação.

Em cada período histórico, de acordo com o modo de produção e reprodução da vida, configurou-se o poder entre classes sociais, e configuraram-se os planos educacionais. Isto pode ser constatado, na história da humanidade, por exemplo, no período comunal, na organização das tribos; no período escravocrata, na dominação dos mais belicosos sobre as propriedades, os bens e os seres humanos; no período feudal, na dominação dos senhores feudais – com seus exércitos, feudos e servos – sobre outros senhores, propriedades e servos; e no período capitalista, na organização do Estado moderno, com seus poderes – Executivo, Legislativo e Judiciário – estruturados de acordo com a correlação de forças existente (MOLINA; TAFAREU, 2012, p.573).

Algumas políticas públicas foram importantes para a materialização da educação do campo em luta contra o poder hegemônico, ao passo que orientam as ações formativas nos cursos, com perspectivas crítica para a educação que se pretende construir voltada para o sujeito e a sociedade. Das políticas conquistadas as mais importantes foram: “Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (Pronera), Residência Agrária, Licenciatura em Educação do Campo [...]” (MOLINA; TAFAREU, 2012, p.575).

A Lei 10.639 de 2003 torna obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira em seu artigo 26 estabelece que:

Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras (BRASIL, 2003, p.1).

Ressalta-se que a educação pretendida pelos órgãos de educação não se adequa a escola do campo por não atender às expectativas, necessidades e interesses dos seus

sujeitos do campo. Sendo assim a escola ideal seria como a proposta por Freire de uma educação humanizadora, por meio da qual alunos e professores relacionam-se em uma interação educativa e formativa, sendo essa a forma de currículo pretendida e ideal para as escolas do campo aonde se pressupõe de maneira interdisciplinar o trabalho e a pesquisa como princípio educativo, incorporado à realidade e aos conteúdos pedagógicos.

A partir das Diretrizes Operacionais para Educação Básica nas Escolas do Campo. Resolução CNE/CEB nº 1/2002. Procura-se analisar a identidade das Escolas do Campo, a responsabilidade do poder público, o Projeto das Escolas do Campo, bem como a gestão democrática das Escolas do Campo.

Segundo essas mesmas diretrizes a identidade das Escolas do Campo consiste em vincular as especificidades dos alunos em relação a sua realidade vivenciada, seus saberes com a ciência, suas lutas nos movimentos sociais como mecanismo de aquisição de direitos coletivo e a tecnologia para melhorar a qualidade de vida da população brasileira, conforme exposto na citação seguinte:

Parágrafo único. A identidade da escola do campo é definida pela sua vinculação às questões inerentes à sua realidade, ancorando-se na temporalidade e saberes próprios dos estudantes, na memória coletiva que sinaliza futuros, na rede de ciência e tecnologia disponível na sociedade e nos movimentos sociais em defesa de projetos que associem as soluções exigidas por essas questões à qualidade social da vida coletiva no país (BRASIL, 2002).

Ainda conforme as Diretrizes Operacionais para Educação Básica nas Escolas do Campo, entende-se que a responsabilidade do poder público consiste em garantir a universalização do acesso à educação básica e profissional de nível técnico a população do campo, tendo em vista que a educação escolar se faz crucial para o exercício da cidadania, e para o desenvolvimento do país que possui como padrão a justiça social, a solidariedade e o diálogo entre sua população independente desses sujeitos habitarem o campo ou a cidade, como se pode notar na citação que se segue:

Art. 3º O Poder Público, considerando a magnitude da importância da educação escolar para o exercício da cidadania plena e para o desenvolvimento de um país cujo paradigma tenha como referências a justiça social, a solidariedade e o diálogo entre todos, independente de sua inserção em áreas urbanas ou rurais, deverá garantir a universalização do acesso da população do campo à Educação Básica e à Educação Profissional de Nível Técnico (BRASIL, 2002).

Embasando-se no Art. 4º das Diretrizes Operacionais anteriormente citadas ressalta-se que o projeto das escolas do campo pauta-se no trabalho de diversos setores que lutam em prol da universalização educação escolar que possua qualidade social, para

tanto se contará com um espaço público que investigue e articule as experiências para o trabalho de maneira a desenvolver a criticidade diante da sociedade de forma econômica equivalente a forma justa e de maneira ecologicamente sustentável.

No artigo 13 das Diretrizes Operacionais em questão ressalta-se sobre a organização e valorização das propostas pedagógicas relacionadas ao campo, de modo a interagir e respeitar as transformações, de maneira ética com objetivo de promover convivência solidária e colaborativa nas sociedades democráticas e consequentemente melhoria nas condições de vida com base no acesso ao avanço científico e tecnológico.

A Gestão democrática das Escolas do Campo de acordo com as Diretrizes Operacionais em seu Art. 10 conforme estabelecido no artigo 14 da Lei de Diretrizes e Bases está relacionada à garantia de gestão democrática e construção de mecanismos que intermediam “as relações entre a escola, a comunidade local, os movimentos sociais, os órgãos normativos do sistema de ensino e os demais setores da sociedade” (BRASIL, 2002).

No Art. 11 das Diretrizes estão dispostos mecanismos de gestão democrática com perspectivas pautadas no exercício do poder da constituição federal de 1988, visando a “autonomia das escolas e o fortalecimento dos conselhos que propugnam por um projeto de desenvolvimento que torne possível à população do campo viver com dignidade” (BRASIL, 2002). Bem como para uma abordagem solidária e coletiva em relação à problemática sofrida pelos povos do campo, de modo a estimular sua participação nas instituições de ensino no processo de elaboração, avaliação e desenvolvimento das propostas pedagógicas.

Essa experiência exige do educador da Licenciatura e Educação do Campo, quanto do educando dessa licenciatura uma metodologia interdisciplinar, capaz de identificar as contradições presentes na política de gestão territorial, bem como nas práticas dos sujeitos individual e coletivo desta construção, de forma que traga contribuições através de novas intervenções na perspectiva da superação dos limites e fortalecimento do povo do campo, na gestão social do território com construção coletiva.

Sendo assim, essa perspectiva voltada para a compreensão do docente a partir de sua função na instituição, não deve se restringir meramente a sua prática ou seu esforço individual, deve-se levar em consideração o ambiente de ensino, o material didático, a matriz curricular, os conteúdos, os estudos teóricos desenvolvido neste meio, enfim todo o contexto escolar, de forma a não centralizar a responsabilidade da qualidade do ensino

ao professor, mas na complexidade e na interação de todos os elementos envolvidos a qual se configura a instituição de ensino.

Devemos entender a escola como espaço social, sua configuração é de caráter formativo, com diferentes sujeitos, diferentes funções, um só objetivo, que é o de promover letramento e dele fazer parte, tendo como referencia as práticas sociais que caracteriza esse ambiente e não meramente um ou outro elemento isolado de sua configuração.

1.3.2 - A proposta de letramentos múltiplos para a Educação Escolar Quilombola

Talvez temendo entrar na toca dos leões
Eu esconda a coragem nos retalhos

Coloridos da vida (Esmeralda ribeiro, fragmento do poema trocar de máscara).

Assim, como fenômeno social, o letramento está presente na vida. As pessoas estão cercadas de informações escritas por onde quer que passem, seja nas ruas, em casa, nos mercados, na escola, nos ônibus e em muitos outros ambientes, e o letramento se faz necessário para a compreensão desse universo, além de possibilitar uma atuação com mais autonomia diante dele. É extremamente necessário que a escola trabalhe de forma satisfatória a apropriação da língua oral e escrita, pois é através desses saberes que os indivíduos podem se comunicar, tiver acesso às informações que circulam numa sociedade grafocêntrica como a atual, ser críticos, defender seus pontos de vista, produzir saberes etc. (LEITE e BOTELHO, 2011 - p5.)

No contexto da educação quilombola, valorizar as pluralidades significa valorizar o educando, dar a ele o sentido real de estudar. Tudo que envolve o cotidiano Kalunga, requer atenção especial, pois se trata de múltiplas linguagens, expressões que vão desde os variados sons da natureza, como a arte da vida humana, a saber: gestos, falas, cantos, cantigas, rezas, benzimentos, o barulho das ferramentas, o cantarolar das mulheres, entre outras.

Dai que excluir toda esta pluralidade, é tornar a escola um espaço vazio, é como se o educador exigisse que cada um esquecesse-se de si, de tudo que envolve sua vida fora da escola. Significar a educação, é antes de tudo, torna-la parte das vidas nela existente, ou seja, útil na vida social, cultural e econômica.

E se a vida é uma colcha de retalhos, no tratar das questões de educação quilombola, retirar de um educando um pedaço dessa colcha, pode atribuir-lhe frio, pois foi aberto um buraco. Assim sendo, muitos educandos quilombolas abandonam as escolas em busca de completar sua colcha de retalhos, rasgadas pelo ensino de conhecimentos considerando um currículo não feito a sua ideia e necessidade de vida.

Logo, várias são as possibilidades e maneiras de realização de determinadas práticas de letramentos e podem variar de acordo com tempo, com o espaço, com a cultura etc. Assim, uma mesma prática de letramento pode variar dependendo de como, onde, e de quem a está realizando. Por exemplo, a leitura de um jornal, que para um determinado sujeito pode servir como uma maneira de se informar sobre os acontecimentos da sociedade, sobre política, cultura etc.; para outro, pode ser apenas para folhear e chegar à página que anuncia as vagas de emprego, cuja leitura é realizada ainda com muita dificuldade. Então, são as mesmas práticas de letramento, mas que se apresentam de maneiras e com objetivos diferentes. (LEITE e BOTELHO, 2011-p.14)

Diante desse pressuposto, percebe-se a extrema necessidade de reconstruir o currículo de ensino não só enquanto documento, mas enquanto propostas de ensino construída nas reais necessidades de um grupo social, ou seja, com participação daqueles a quem se destina tais conhecimentos, considerando assim alguns pilares importantes:

“Obrigatoriedade” sistemática (conteúdos obrigatórios)
Contextualização (conteúdos obrigatórios mais saberes locais)
Prática significativa (educando sentindo-se parte da escola)

Transformação social, cultural e econômica na comunidade. (mudanças de atitudes positivas, ações coletivas e solidárias, reconhecimento das necessidades dos alunos, buscando soluções, valorização dos saberes locais, entre outros)

É importante ressaltar que a proposta não é descartar conhecimentos externos, é torna-los parte dos saberes comunitários, desse modo, dialogar uns com os outros. O que se propõe enquanto trabalho pedagógico com letramentos múltiplos é descobrir o que de melhor fluíra a compreensão dos saberes que envolvem o tema, para isso é necessário diagnóstico, pesquisas e estudos, reconhecimentos da comunidade escolar e suas especificidades.

Portanto o letramento pretende promover eventos que favoreçam a aquisição de informações cabíveis ao registro de histórias narradas pelos moradores anciãos da comunidade. A fim de obter o máximo de informações pertinentes ao registro e desse modo evitar a conseqüente perda de identidade cultural e valorização da mesma.

CAPÍTULO II - METODOLOGIA DE PESQUISA

2.1 - Instrumento e procedimentos para a coleta de dados

Quanto mais complexas se tornam as relações entre educação, conhecimento e cotidiano escolar; cultura escolar e processos educativos; escola e organização do trabalho docente, mais o campo da é desafiado a compreender e apresentar alternativas para a formação dos seus profissionais. (Nina Lino Gomes; Petronilha B. Gonçalves e Silva, 2006)

O objetivo deste capítulo é abordar a pesquisa qualitativa de cunho etnográfico. Nele registramos as perguntas exploratórias, os objetivos: geral e específico, descrevemos os procedimentos utilizados para realização desta pesquisa. Contextualizando o objeto de estudo, a comunidade Tinguizal está localizada na chapada dos Veadeiros, município de Monte Alegre de Goiás á 70 km, sendo 35 de asfalto 35 de estrada de chão batido. Durante muito tempo não havia estrada de acesso para as comunidades Kalunga de Monte Alegre de Goiás, havia apenas trilhas para passar á cavalo ou a pé. Somente em 1997 foi aberta a estrada atual para passagem de carros.



Figura 1 - (A árvore nativa Tinguizal conhecida como timbó, segundo entrevistados é a árvore que inspirou o nome da comunidade, seus frutos servem para fabricar sabão e a madeira serve como lenha, (Anita Pereira).– autoria própria)

As características da pesquisa envolvem os aspectos de metodologia qualitativa de natureza etnográfica, desse modo, este projeto de pesquisa percorre os caminhos e trilhas da investigação qualitativa de natureza etnográfica, visto que esse trabalho é todo de observação, registro e interpretação dos dados. Segundo Creswell (2010) a pesquisa qualitativa consiste em preparação conceitual que permite ao pesquisador atuar em campo e vivenciar as experiências e situações problemas pesquisadas por ele. Sendo assim o processo investigatório e interpretativo e a coleta de dados ocorrem no local onde acontecem os fenômenos pesquisados. Para esse mesmo autor,

A pesquisa qualitativa é uma forma de investigação interpretativa em que os pesquisadores fazem uma interpretação do que enxergam, ouvem e entendem. Suas interpretações não podem ser separadas de suas origens, história, contextos e entendimentos anteriores (CRESWELL, 2010, p. 63).

De acordo com ARAUJO (2010) a pesquisa qualitativa não é um processo neutro, mas uma construção a partir do olhar socialmente construído do pesquisador, sobre isso ela diz que assumir isso implica a reconhecer a impossibilidade de pesquisas imparciais e apagadas das influências de quem pesquisa. A forma como analisamos a realidade está intrinsecamente associada aos valores que possuímos e ao modo como analisamos as relações sociais postas no trabalho do pesquisador e em nossa vivência de ser social e político.

A pesquisa etnográfica, utilizada por esse trabalho, segundo Gil (2010) possui origem na antropologia, a qual descreve tradicionalmente as características de uma determinada cultura baseando-se em informações coletadas em campo, conforme se pode confirmar na citação seguinte:

A pesquisa etnográfica tem origem na Antropologia, sendo utilizada tradicionalmente para a descrição dos elementos de uma cultura específica tais como comportamentos, crenças e valores, baseadas em informações coletadas mediante trabalho de campo. Foi utilizada originalmente para a descrição das sociedades sem escrita (GIL, 2010 p. 40).

Segundo Sousa (2006) o termo etnografia é formado por dois radicais oriundos do grego antigo: *ethno* e *graphos*. O primeiro significa ‘os outros’ e o segundo denota ‘escrita’, ‘descrição e registro’. Desse modo, a escolha da pesquisa etnográfica corrobora para o objetivo desse trabalho em analisar, compreender e contribuir com o processo educativo em termos de letramento, bem como a preservação do conhecimento cultural da comunidade.

Os procedimentos adotados para esse trabalho estão fundamentados nas teorias de ARAUJO (2016); Gil (2010); SOUSA (2006) e Triviños, (1987). Para Gil a pesquisa etnográfica consiste em coletar informações de pessoas pesquisadas em seu local de origem, através de procedimentos como a entrevista, observação participante e pesquisa aprofundada.

Na observação participante o pesquisador participa da pesquisa em todas as etapas, nesse sentido a escolha da pesquisa etnográfica contribui com essa pesquisa à

medida que possibilita a participação direta do pesquisador no fenômeno estudado, ou seja, na comunidade estudada havendo a possibilidade de entrevistas, observação, descrição e detalhamento das peculiaridades pertencentes a essa pesquisa.

Desse modo leva a crê que mesmo que o pesquisador já tenha uma previa dos resultados da pesquisa ele não poderá levar em consideração a sua opinião, mas dos sujeitos entrevistados e de todo contextos a qual este sujeito se faz presente. Para tanto Triviños, 1987 salienta a importância de entender a pesquisa qualitativa de natureza etnográfica em geral como “estudo da cultura”.

Sendo assim todos os processos que envolvem oralidade, leitura e escrita em comunidades tradicionais percorrem caminhos múltiplos e não pode ser feito ignorando as dimensões que envolvem práticas sociais de construção do conhecimento. Assim os contextos que envolvem oralidade, leitura e escrita são diversos, e esses letramentos se constroem em campos diversificados, seja em instituição escolar ou nos meios sociais como: família, igreja, recreações, momentos culturais, no dia a dia, enfim em todos os espaços de relações sociais.

O sujeito da pesquisa deve ser considerado de suma importância, desse modo, investigar processo de letramentos na multimodalidade discursiva de comunidades tradicionais implica que sejam levantados elementos que possam corroborar com a investigação para que a mesma seja efetivada.

As pessoas pesquisadas residem e descendem das comunidades Tinguizal, Riachão, Sicuri, Areia, Saco grande situadas no município de Monte Alegre de Goiás e Vão de Almas, situado no município de Cavalcante. Pelo fato da pesquisadora ser graduanda do curso de Educação do Campo, moradora e descendente de povos africanos, quilombola de Monte Alegre de Goiás possui conhecimentos significativos acerca da temática tratada nesse trabalho. Foram entrevistados 6 pessoas mais velha da comunidade Tinguizal, com idade entre 35 e 70 anos, de ambos os sexos; 4 alunos desistente da escola e 2 professora da comunidade. Foram aplicados questionários alunos egressos da LEDOC, com finalidade de analisar as contribuições, expectativas, benefícios referentes ao curso em relação às comunidades, a sociedade e mesmo em âmbito pessoal.

Para fundamenta-la foram aplicados questionários e entrevista aos alunos egresso da LEDOC, aos educandos desistentes e ainda há alguns moradores dessa comunidade. As observações foram feitas na Escola Municipal Tinguizal (de maneira informal) e na

comunidade; realizou-se roda de conversa, orientada, norteada e devidamente anotada pelo pesquisador.

As entrevistas foram feitas com diversos grupos, também foi realizada de maneira individualizada com a finalidade de evitar interferência nas respostas.

Os questionários foram aplicados para alguns alunos da LEDOC. A aplicação dos questionários visa à obtenção de respostas que promovam informação sobre o conhecimento acerca do curso de Educação do Campo com as especificidades proposta por essa pesquisa.

Utilizou-se o sistema de amostra proposto por Creswell (2010), para se desenvolver as atividades de pesquisa, observações e questionários, para tanto elaborou-se previamente roteiros.

Algumas pessoas da comunidade que foram entrevistadas em sua maioria não possuem um grau de escolaridade elevado, ou nenhuma formação, os mais velhos por não terem oportunidade de estudar devido à falta de escola quando jovens; entrevistou-se alguns alunos egressos da LEDOC, esses saíram da comunidade mesmo enfrentando dificuldades foram estudar na capital do país Brasília-DF com o sonho de se formar e um dia poder retornar a sua comunidade como professores capacitados a desempenhar sua função de forma mais justa e igualitária, de forma que todos sejam capazes de nortear sua própria vida, fazendo suas próprias escolhas de maneira crítica e autônoma.

Ressalta-se, portanto, que esses sujeitos pesquisados como citados anteriormente fazem parte da história da comunidade Kalunga por ser originários de descendentes de pessoas que foram escravizadas, e ainda por estar ligada a terra através da sua ancestralidade, bem como pelo motivo da promoção à subsistência, de saberes tradicionais; por cultivarem seus alimentos, por suas crenças e pela cultura local.

A princípio as observações ocorreram na comunidade Tinguizal, mais precisamente nas casas e na Escola dessa comunidade; as famílias migraram para essa região em busca de terras férteis para o plantio de alimentos e com o passar dos anos muitos foram se instalando, construindo casas e permanecendo nessa região.

As observações feitas em sala de aula consistem em analisar as práticas de letramentos escolares e a forma de repassar os mesmos aos educandos, procurou-se encontrar nos conteúdos e nas práticas escolar, a interação das práticas de letramentos escolar que possuam temáticas de conhecimento interacional próprios da comunidade,

voltadas para a valorização da cultura enquanto prática social desse povo construído desde a época do surgimento do quilombo.

A partir dessas observações feitas objetivava-se promover uma reflexão acerca dos conhecimentos na comunidade referente ao letramento histórico-cultural, quais as suas características, aonde ele ocorre e sua importância para a valorização da cultura e dos conhecimentos desse povo nesse contexto, enquanto fator crucial para evitar a perda de identidade cultural e conseqüentemente para o seu fortalecimento e fortalecimento das relações sociais dentro e fora da comunidade.

As pessoas mais idosas da comunidade conhecem muitas rezas, benzimentos, remédios caseiros, cantos, ritos, poesias, musicas; dançam sussa e descrevem alguns costumes de seus antepassados. Sendo assim, através da pesquisa obteve-se muitas informações acerca das práticas sociais de letramentos que circulam na comunidade, aos quais no decorrer desse trabalho estaremos chamando de letramentos híbridos (rezas, benzimentos, cantigas, cânticos, prosa, poesia, entre outros), ou seja letramentos que fazem uso da multimodalidade discursiva através do uso da linguagem verbal e não verbal (oralidade e letramento) por meios das práticas sociais realizados na comunidade nos espaços de convivências familiares, nos festejos religiosos, nos momentos de cura de doenças através dos benzimentos, nas atividades lúdicas e culturais (festas, danças, musicas, poesias entre outros) e na escola Municipal Tinguizal. Notou-se que algumas festividades e crenças estão se perdendo pelo advento do processo de escolarização, de novas tecnologias e até mesmo com a introdução de outras culturas na comunidade.

O objetivo dessa observação consiste em promover melhor entendimento para fundamentar melhor essa pesquisa.

Entrevistados:

Anita Pereira da Silva, fazenda Vão de Almas, município de Cavalcante, GO;

Brasilina Do Santo Rosa, Riachão, fazenda Vão de Almas município de Cavalcante 67 anos;

Loriana Pereira de Aquino, fazenda Vão de Almas município de Cavalcante; 67 anos

Joaquim Pereira da Silva, 43 anos na fazenda Parida Vão de Almas município de Cavalcante.

José da Silva Santos, 53 anos,

Ozaldo Pereira da Silva, 49 anos na fazenda Parida Vão de Almas município de Cavalcante.

Professores aos quais serão apresentados nas entrevistas por Maria e Tereza, em respeito à decisão de não serem identificados nas entrevistas

Dentro desse mesmo processo estarão os 4 educando desistentes, que serão identificado por educando 1, 2, 3 e 4

O processo de desenvolvimento da pesquisa ocorreu em sua primeira instância com a observação na comunidade e em sala de aula, depois entrevistas em forma de diálogos aos moradores da comunidade e educando desistente e posterior com a aplicação de questionários específicos para os professores, em especial ao egresso da LEDOC.

O questionário seguiu o sistema de amostra proposto por Creswell (2010) o qual possui como finalidade analisar as competências e faculdades dos alunos egressos da LEDOC em desempenhar de foram efetivas a função de professor de alunos das escolas do campo.

Procurou-se nesse estudo as vozes e experiências desse povo a partir de um enfoque teórico-metodológico dos letramentos, que além de trabalhar com o conceito de leitura e escrita, neste trabalho o mesmo trabalhará com memórias, narrativas e práticas sociais de conhecimentos (letramentos diferenciados), a escolha metodológica se deu por meio das características da pesquisa qualitativa de natureza etnográfica, da memória e da história oral dos moradores da fazenda Tinguizal.

Procedeu-se uma análise de como os letramentos, seja eles os próprios da comunidade ou o escolar estão se dialogando na construção do conhecimento das novas gerações Kalunga a partir do registro de narrativas por meio de entrevista/diálogos, utilizando um roteiro semiestruturado de questões.

A importância dos “saberes e fazeres” desse povo a partir dos conhecimentos em produzir seu próprio alimento, suas crenças, costumes, valores, criação da comunidade e preservação da cultura, esses foram os assuntos revelados nas entrevistas enquanto pontos principais de praticas de letramentos da comunidade Tinguizal a serem investigados e valorizados neste trabalho (neste letramento acadêmico).

2.2 - Instrumento e procedimentos para geração de dados

Os instrumentos utilizados para a geração de dados foram: gravador, questionários, observações e entrevista oral. O primeiro processo para a coleta dos dados foi definir quais seriam os entrevistados, e como seria elaborada essa entrevista de acordo com o entendimento de cada um. Considerando o tema de estudo multimodalidade discursiva: oralidade e letramento em uma perspectiva de inclusão social do povo Kalunga.

O interesse pessoal por esses grupos justificou-se porque muito pertencem ao tempo em que não existia nenhum tipo de saneamento básico e nem escola formal na comunidade; e ainda porque vivenciaram os vários contextos da história da região e experimentaram mudanças no seu modo de vida. A experiência de vida no lugar os presenteou com o conhecimento da terra e da comunidade. Quanto aos professores e educando desistente da escola, esse grupo foi inserido a pesquisa, pois na comunidade muitos deles conhecem a realidade local e vivenciaram junto com os seus pais as mudanças que o local sofreu. Muitos deles não conseguem mais sobreviver apenas do que a comunidade tem a oferecer sendo assim esse fato se deve as mudanças, como: as novas tecnologias, miscigenação, e novos saberes, novas formas de transmissão do conhecimento novos letramentos.

Os procedimentos de pesquisa seguiram encaminhamentos como:

Verificar na comunidade eventos históricos de letramentos em sua prática e nos relatos de vidas dos sujeitos pesquisado mediante observação que me permitam responder as questões levantadas no percurso desse trabalho. Sendo assim o primeiro critério adotado foi entrevistar os moradores mais velhos da comunidade que nasceram ou que escolheram a região para se fixar, esses povos migravam para essa região em busca de terras extensas favoráveis ao cultivo de alimento; condições favoráveis de clima e ecossistema. Esses povos são reconhecidos como descendentes de pessoas que foram escravizados, benzedores, parteiras, rezadores, professores e proprietários da terra onde vivem.

O segundo passo foi elaborar o roteiro de entrevista, esse roteiro essencial para guiar os passos em torno do problema de pesquisa, embora reconheçam que as diferentes experiências trazidas pelos entrevistados e expresso em seus relatos são considerados como informações importantes a serem explorados no trabalho com oralidade e letramentos e com a caracterização da comunidade e do curso Licenciatura em Educação do Campo.

No roteiro foram incorporadas histórias de vida como procedimento essencial em cada entrevista, elas trazem experiências passadas de cada narrador interligando com as experiências do presente, a partir de onde eles acionam sua memória e através do processo de “reememorização”. Nesse sentido, os procedimentos adotados foram os mesmos para todos os objetos de acordo com suas especificidades:

As observações: foram feitas na comunidade e na escola, buscando compreender os elementos semióticos que impulsionam os eventos de letramento, bem como compreender a construção dos signos, significante e significados enquanto bases históricas de contribuição desses elementos para os letramentos escolares

As entrevistas: foram feitas no intuito de descobrir se a comunidade se reconhece enquanto sujeitos portadores e produtores de letramentos, e como são visto no meio escolar.

A pesquisa na comunidade buscou identificar os letramentos historicamente construídos na comunidade através da multimodalidade discursiva oral, e como esses sujeitos estariam produzindo letramentos na comunidade, mesmo muitos deles não sabendo nem ler, nem escrever, como então estariam participando de praticas de letramentos (leitura e escritas) estes anseios estarão sendo dialogado em todo decorrer do trabalho. Ao se tratar da comunidade dá se a entender que são práticas desenvolvidas nos âmbitos culturais e familiares.

A pesquisa no âmbito escolar: foi uma pesquisa de identificação do espaço, verificação do PPP se condiz com a realidade da comunidade, enquanto promotora de letramentos, foram também observado a evasão de alunos na idade entre 14 e 18 anos, principalmente do sexo masculino, neste sentido as observações foram feitas a fim de identificar como os letramentos poderiam ajudar reverter esse aspecto negativo historicamente construído na escola, e ver por meio destas observações se há possibilidades de reverter essa situação. Quais os motivos? E como isso acontece e porque acontece?. Estas perguntas serão respondidas na análise de dados

Foco da pesquisa na escola: contexto escolar, 2 professoras, sendo uma dos anos iniciais do ensino fundamental e a outra dos anos finais do ensino fundamental. Quanto aos alunos desistentes foram 4 somente este ano, sendo três homens e uma mulher, estes fatos serão relatados nas análise de dados.

CAPÍTULO III - ANÁLISE DE DADOS

Vamos fazer farinha, precisamos dela para fazer o pirão,
É hora de arrancar a mandioca, descascar, lavar, e ralar
Pega a massa, põe no tapiti, leva pra gangorra, põe pra secar
Pega a peneira, sessa a massa, é hora de torrar
Põe lenha no forno, para esquentar, mas não põe muita
A farinha pode sapeca, pega a coteiba, mexe pra não embolar
É hora de mexer com o rodo, não da mais com a coiteba,
Prepara a peneira, é hora de tirar o caroço, a farinha tá quase pronta,
Está no ponto, vamos ensacar, põe o beiju no forno, esse não pode
faltar.

(Autoria própria)

Esse capítulo apresenta a análise dos dados gerados referentes à pesquisa realizada no Tinguizal, comunidade quilombola Kalunga situada em Monte Alegre de Goiás.

Esta pesquisa Investiga e analisa: Oralidade e Letramento em uma perspectiva de inclusão social do Povo Kalunga, da comunidade Tinguizal, com o objetivo de identificar os fatores lingüísticos histórico que influenciam e influenciaram a comunidade para melhor ampliar essa pesquisa, para que futuramente possa contribuir com o material de auxílio para os professores em suas práticas pedagógicas.

3.1 - Saberes e fazeres do povo Kalunga: uma pratica de letramento social diferenciada

Deu-se um passo em frente e creio que continuaremos a marchar ao encontro dos nossos povos, das nossas culturas, que devidamente valorizadas pelas mãos dos seus intelectuais servirão de mais um elemento válido na diversidade do mundo que contribuirá para a harmonia dos homens e sua maior felicidade [...] Cantar com nossa voz é indispensável para a harmonia do mundo. Cabe aos artistas encontrar as formas adequadas ao nosso. (Agostinho Neto Lisboa, Casa dos Estudantes do Império, 18 de novembro de 1959).

Afirmar que existe uma prática de letramento social diferenciada no seio dos saberes e dos fazeres do povo Kalunga, torna-se uma tarefa árdua, pois isso exige uma reflexão, valorização e busca de reconhecimento dos elementos que compõem essa afirmação. Em primeiro lugar é necessário reconhecer que, quando se trata de “letramentos múltiplos”, no âmbito deste trabalho, não tratamos apenas do que se convencionou entender e aceitar como letramento, mas avançar no sentido de considerar muitas outras formas de comunicação praticadas pelo grupo de falantes envolvidos.

Cada estudo contribui para o conhecimento de modos como as práticas de letramento fazem parte de um amplo processo social, focalizando como o letramento é posicionado nas praticas sociais, nas relações institucionais de poder que as sustentam. Cada pesquisa concentra-se na exploração do significado que expande o conhecimento do letramento. Isso é feito na conexão entre dados empíricos e teoria social, o que mostra a amplitude da concepção de letramento e sua utilização em diferentes esferas sociais. Isto é, focaliza o uso da leitura e da escrita em diferentes contextos (SOUSA, 2006, p.34)

Especialmente relacionados aos saberes e fazeres de um povo com endereço e identidade próprios, neste o caso o povo Kalunga, há que se revisitar alguns aspectos históricos e antropológicos da trajetória deste povo. Com os pés fincados no Estado de Goiás, especificamente em sua região nordeste, “os Kalunga”, como são chamados, são povos “africanos de nações e grupos étnicos diversos [que] foram pressionados a esquecer da língua pátria, a religião, enfim, sua cultura de origem e identidade”. (BAIOCCHI, 2013, p. 37).

A constatação dessa pesquisadora, que é antropóloga, nos dá uma ideia da dimensão dos desafios enfrentados por essa comunidade, quando o assunto tratado for à identificação e a valorização dos “letramentos múltiplos”, aqui proposta. Baiocchi (2013) mergulha nas entranhas desse povo, na década de 1980 e identifica diversos fatores que lhes são desfavoráveis enquanto componentes históricos da formação do povo goiano. No campo do que propomos considerar como “letramentos”, ela afirma, com fundamento em Morgan, (1973):

Os Kalunga não conheciam a escrita, considerada como símbolo da civilização e superioridade de um povo dentro do conceito linear de evolução (...). Para o repasse de sua tradição, para a preservação de sua memória histórica, de sua identidade étnica e de sua cultura, a sociedade Kalunga, em sua original visão de mundo, lança mão da tradição oral: histórias, provérbios, adivinhas, poesia e música. (MORGAN 1973, p. 43).

O trabalho desta pesquisadora torna revelador e ao mesmo tempo ilustrativo do que buscamos discutir como “múltiplos letamentos” nesta monografia. A partir desse fundamento empreitaremos naquilo que consideramos como tal, presente nas diversas manifestações de luta encontradas pelo povo Kalunga, como forma de resistência à destruição de suas identidades, também múltiplas. Buscaremos interfaces históricas e culturais, muito focados em processos de comunicação por meio de rezas, benzimentos, poesia, música, ritos, danças e atividades sociais como a organização em associações comunitárias.

Nessas manifestações múltiplas se fazem presentes, as diversas especificidades expressas nos diferentes papéis sociais que lhes são atribuídos e/ou esperados, principalmente no que se refere á sua influência na constituição de sujeitos de suas histórias. Isso, em nosso ver, tem considerado impacto nas formações individuais e coletivas, que perfazem suas demandas e potencialidades, bem como em sua capacidade

se relacionar como povo, que aos poucos, vai se tornando parte reconhecida da história, não só de seus Vãos, mas dos municípios em que vivem.

Nesse sentido, podemos destacar aqui 6 aspectos culturais do povo Kalunga que influencia diretamente ou indiretamente nos princípios dos múltiplos letramentos, que vão além do ato ler e escrever.

3.2 - Letramentos 1: Ritos, Rezas e benzimentos

A arte dos ritos, das rezas e dos benzimentos, faz parte das experiências de vida de um povo em comunidade ou de um grupo, estão incorporados no povo que a conduz e em suas memórias históricas, essas atividades estabelece meios de como lidar com fatores que os sujeitos não conseguem explicar, fatores místicos de construção da fé e de como lidar com as exigências, as esperanças, o sofrimento, os sonhos, as incertezas, o desconhecido, vivenciados pelo os sujeitos que vivem em comunidades, estas atividades envolve crenças, sentimentos, troca de energia corporal, cumplicidade, esperanças, acolhimento experiências históricas, saberes, vivencia e sentidos.

Com isso, estamos dizendo que as semiose no caso ritos, rezas e benzimentos têm uma memória, sabedoria, saberes, cultura, experiências e convivência. É algo histórico universal, que se estabelece enquanto princípios gerais, como é o caso do Pai nosso e da salve rainha, que estão posta a sociedade enquanto oração universal ,aos quais os Kalunga também fazem usos , porém os benzimentos são dizeres que se enraízam nas rezas em forma de cura de males não explicáveis ou sem bases concretas. Para muitos sujeitos de nossa sociedade a pratica de benzimentos , não faz nenhum sentido, é um ato sem sentido, todavia para as comunidades Kalunga, esses são sentidos adquire e incorporado na memória deste povo.

O termo rezas foi incorporado no dia a dia dos povos afro-brasileiros através do catolicismo, nas festas, ladainha e procissões. Este termo vem de letramento construído na bíblia, instrumento que rege a religião católica entre outras.

“minha senhora santa Rita, é uma santa mulher ,no céu e na terra ela lá faz o que quer. Minha senhora santa Rita, meu pai virtuoso herdou, DEUS, desceu do céu e ela lá santa ficou, minha senhora santa Rita é uma santa virtuosa ela reza e oferece e roga á DEUS, por nois, minha senhora santa Rita, dentro do jardim nasceu uma rosa, nasceu santa Rita que é uma santa formosa, jejuou quatro anos dias as dias, era treis disciplina que ela tomava por dia, treis vela benta entrou em sua boca,

era uma formosura que o povo se admirou, viva santa Rita com os poderes que ela tem, louvores e louvores para sempre e amem. (REZA DE SANTA RITA, PROFERIDA, POR DONA BRASILINA)

Nesses rituais de devoção Kalunga, se baseia na tradição católica, pois desde a colonização o povo negro foram obrigados, a seguir a religião católica, como sendo a religião universal. Amorim, 2014, p, 9 em suas palavras afirma enquanto base teórica que “já nas primeiras décadas do século XVI, inicia-se o tráfico negreiro, entretanto, a religião católica não só era oficial como era obrigatória, sendo assim o conceito de letramento desses elementos, se finda nos letramentos constitutivos da religião, mesmo que estas práticas se consolidem no catolicismo, suas raízes histórica se mantém fiel às religiões africanas. Sabe-se que o povo Kalunga constrói sua identidade com raízes fortes em sua, religiosidade. Suas crenças, seus rituais, estão presentes em seu dia-a-dia em todas suas atividades.

Dona Lorianana narra que é devota de Santa Luzia, que esta é uma santa poderosíssima, pois é a santa das vistas, que sem as vistas, ninguém consegue fazer nada e como ela trabalha na roça, ela precisa enxergar bem. No trecho em destaque, a fala de dona Lorianana demonstra traços da época de escravidão, onde os negros eram torturados de todas as formas, inclusive o de furar seus olhos, e como não tinha a quem clamar ou pedir ajuda, eles clamavam mediante a sua fé por Deuses que pudessem socorrer naquele momento de aflição, angústia e dor, por ser-lhes negado o direito de clamar aos seus Deuses de matrizes africanas, como forma de negação de sua cultura impostas, pelos os senhores da casa grande, muitas vezes aderiram-se aos Deuses de matrizes europeia, como é o caso de Santa Luzia. E em nome dessa Santa europeia realizavam seus rituais na forma africana, utilizava da estratégia de imposição dessa nova cultura para não perder suas raízes, utilizavam-se do nome da Santa para praticar seus rituais sagrados.

Nesse sentido ao trazer para os rituais religiosos Kalunga, o Pai nosso e a Ave Maria, estou afirmando que estes são letramentos históricos, que se constituiu nas práticas de escrita e leitura da bíblia e que independente do grau de instrução, todos os sujeitos estão envolvidos nesse processo.

Pensando nas interações dos múltiplos letramentos envolvendo esses fenômenos, Dias (2014) diz: “É fundamental reafirmar alguns pressupostos que auxiliam um delineamento de uma compreensão mais fundamentada nas experiências que são vivenciadas e caracterizam este País”

Ao nos referimos sobre os ritos, rezas e benzimentos enquanto elementos de constituição de letramentos múltiplos nas comunidades Kalunga estamos buscando mostrar que estes elementos são protagonistas de letramentos, a respeito disso Dias enfatiza.

Este protagonismo de que falamos realiza-se a partir do acionamento de elementos que colaboram para a constituição de identidades, não como uma categoria de essência [...], mas como uma categoria que indica formas de ser, de estar, e de interagir, que conferem sentidos e significados às alteridades. As identidades articulam, no âmbito das culturas, elementos de pertencimento e também aqueles caracterizados por questões de semântica, de política e de ideologias em uma espécie de congregação de dimensões que são fisiológicas, sociológicas e psicológicas e que se apresentam indissoluvelmente misturados. (DIAS. 2014.p. 9)

É neste contexto nos quais podemos considerar a existência dos signos , significantes e significados que permite misturar elementos e homogeneizar em um mesmo campo dimensões múltiplas e complexas. Estas múltiplas dimensões são responsáveis pela a produção e reprodução das praticas sociais, dentre elas as de leitura e escrita.

3.3 - Letramentos 2: Poesia e música e dança

No campo da poesia, da musica e da dança, são várias as formas de expressão, nas rodas de conversas, nos poemas musicados para as rodas de folia, nas cantigas das moças a caminho da fonte de água, nas rodas de sussa ,entre outras. Machado (2002, p.19), em seu livro Suspiros Poéticos do Nordeste Goiano, poetiza que “Há um mistério, em cada olhar, de cada paisagem...E há uma decifração: de cada poeta uma mensagem”. Entre esses mistérios se situam formas de comunicação que são específicas e íntimas desta comunidade.

O livro citado nos traz muitos “gritos”, por meio de palavras, que ecoam para fora de suas entranhas e buscam retratar aspectos de toda região, na qual nasce o autor, a poesia e a própria obra. Em “Ecos nordestinos de Goiás”, (p. 137), esse poeta escreve como se tivesse presentindo algo no território Kalunga: “Nordeste de cores Kalunga, dos Vãos raízes do Brasil” (...); “Paraná, leito de abrigo. Por séculos, intacto vaso precioso. Refúgio de mãe África, amigo”. A região citada no poema foi considerada por muito

tempo como “corredor da miséria” do estado e tem menor índice de desenvolvimento humano – IDH, em comparação com as demais regiões que compõem o território goiano.

Essa manifestação formal vai ao encontro do que o poeta e cantador de folias nas comunidades Kalunga, perfaz em seus versos: “veja de longe vem vindo, uma bandeira de alegria, escolheu alegre hora pra mim lhe dar um com dia” verso esse que foi registrado por Baiocchi, 2013, p.54, sendo assim todo é qualquer ato da vida humana que vir a servir de registro, são práticas de letramentos, ao trazê-los para o mundo da escrita e da leitura, estou afirmando que estas são práticas sociais, mesmo estando centrada a uma determinada comunidade, dialogam e interagem com as demais práticas da sociedade.

Dona Anita narra que aprendeu essa dança desde pequena, ela fala que a sussa, (assim chamada por eles, e aqui escrita como eles falam) era dançada para chamar chuva, em tempos de pouca chuva e que corriam o risco de perder as roças, também era dançada na saída das folias, para pedir proteção para os foliões, nos arremates das folias e nas colheitas das roças como forma de agradecimento pela fartura da colheita, também se dançavam nos momentos de encontros familiares, nos terreiros de roda de conversas e contação de histórias para as crianças, e nas festa de romarias.

O batuque da sussa na buraca (buraca caixa feita de coro de gado para transportar alimentos e utensílios) a voz em forma de canto ecoam entre os vãos e serras como se dissesse para a cultura eurocêntrica que as raízes da matriz africana ainda se mantém viva e cada vez mais forte e ganhando espaços no contexto narrativos e por meio dele lançando na sociedade o ser Kalunga, que recupera um espaço e uma autonomia que foi tirado dos seus ancestrais no período da escravidão, quando o negro eram proibido de manifestar suas crenças, sua religião seus rituais, seus costumes e obrigado a seguir uma nova cultura religiosa.

Como boa parte dos quilombos no Brasil, a comunidade Tinguizal viveu historicamente no isolamento tanto em termos de acesso como de meios de transporte. Durante muito tempo não havia qualquer estrada de acesso para as Comunidades Kalunga do município de Monte Alegre de Goiás, apenas trilhas para cavalo ou a pé.

Somente em 1997 foi aberta a estrada para passagem de veículos motorizados que serve até os dias de hoje alternando maior ou menor dificuldade de acesso devido ao relevo acidentado, falta de manutenção e estrutura de escoamento de águas nos períodos de chuva intensa.

prevalecendo a queima. Não possui posto de saúde e apenas um Agente Comunitário de Saúde (ACS).



Figura 3 - Pequeno caminhão de carga que faz o transporte de moradores e cargas diversas da sede do município de Monte Alegre até as comunidades Kalunga. Monte Alegre de Goiás (GO). Fonte: Autora em 21 de fevereiro de 2013.

Em relação ao acesso à água, na percepção dos moradores, havia mais água nos córregos do que hoje, de onde tiram boa parte da água para abastecimento (Figura N°3). Os moradores tinham água em abundância para suprir suas necessidades básicas e atividades cotidianas tais como: lavar roupa, vasilhas, tomar banho e para beber. Atualmente é frequente ver os córregos secarem durante os períodos de estiagem.

Para iluminar as casas utilizava-se lamparinas ou candeias de cera de abelha com algodão abastecidas com querosene trazidas da cidade ou mesmo com óleo de mamona feito no local. Estas ainda são utilizadas pelos moradores que não tem energia elétrica.



Figura 4 - Mulheres da comunidade do Tinguizal utilizando o córrego local para lavagem de panelas e vasilhas. Monte Alegre de Goiás (GO). Fonte: Autora em 21 de fevereiro de 2013.

A comunidade é composta por 58 famílias, durante o período da pesquisa foi totalizado na comunidade 178 pessoas entre crianças, jovens e adultos. Dessas 58 famílias apenas 20 tem energia em casa, 22 tem acesso a água encanada, desse total de famílias 15 não têm nem energia e nem água em suas casas.

A água que abastece a comunidade via encanamento vem do Rio Basilo, os demais pegam água no córrego chamado Saco, Cesário e no rio Alminha.

Também foi possível observar as mudanças climáticas, uma das causas da escassez dos córregos e conseqüentemente, entre os meses de agosto setembro e outubro algumas famílias perdem o seu abastecimento de água por meio dos córregos, principalmente o córrego Saco, deixando 16 famílias a mercê de andar aproximadamente 3k para buscar água para beber e suprir suas necessidades.

Foi possível perceber que muitas dessas mudanças foram causadas pela falta de chuva na região, a falta da chuva não impactou apenas no acesso a água, mas também na produção dos alimentos. Neste sentido foi possível observar que os moradores da comunidade tinham um calendário agrícola fechado em determinados meses, seguiam sempre um cronograma tradicional de toda a preparação do espaço a ser usado, nos meses de julho e agosto se dá o processo de roçar e derrubada dos paus da roça, setembro é o mês da queima da roça e preparação da terra a ser plantada em outubro, com os diversos alimentos: Arroz, mandioca, milho, feijão, abóbora, melancia, jiló, andu, fava entre outras. Com as mudanças em relação a chuva, dificultou a produção. Seu Ozaldo diz que “antes, a uns 5, 6, 7 anos atrás nos plantava 5 pratos de arroz colhia 15, 20 sacos ou mais, hoje com a falta da chuva nos planta a mesma quantidade e tem vez de não colher nem

um, só ficamos com o trabalho, é por isso que muitos aqui não quer plantar, quando a chuva vem chegar aqui, já ta quase no tempo de colher, mudou tudo, nos antes tinha muita chuva, agora nem os rios tem água mais, até os peixes acabou, antes você ia no rio, não vinha pra casa sem a mistura, hoje você sai ai na beira desses córregos nem piaba vê. Mudou muito”.

Contudo, seu Ozaldo explica sobre um problema que atinge diretamente todos os moradores da comunidade. Durante a pesquisa foi possível observar que por causa dessa situação muitos não querem mais plantar roças, eles dizem que é mais fácil sair trabalhar fora nas fazendas ou em outros serviços e comprar as coisas pra comer do que trabalhar de julho a maio, e no final não colher o suficiente para passar o ano. Até a produção de animais como galinha e porco está prejudicada, pois pra eles criar esses animais precisa do milho e dos demais alimentos que tiram da roça. Assim diz dona Anita “ antes meu terreiro era cheio de galinha, agora não posso criar mais, só tem umas duas no quintal que é pra não perder o costume, planto a roça não da nem pra nos comer aqui em casa”.

Nesse sentido, pude perceber o quanto a roça é importante nessa comunidade, via no brilho do olhar de cada um alegria em falar sobre a roça, e ao mesmo tempo a tristeza no franzir da testa ao falarem que não mais conseguem tirar seu sustendo apenas do que planta, na roça, outra tristeza expressada por eles eram sobre a saída dos filhos para morar e estudar fora da comunidade, isso também refletia no fazer da roça, Seu Ozaldo relata “ hoje ta até difícil plantar roça, os meninos logo cresce e logo vai embora pra cidade estudar, eles nos ajudava muito, apanhava garrancho, cisco, ajudava capinar e vigiar a roça, hoje é só eu e a mulher, já estamos ficando fraco do cabo da inchada. aqui não tem todas as series, ai o jeito é mandar os meninos pra rua e nos fica só”.

Quanto à questão da água dona Loriana diz: “só pra você vê, eles encanou a água até na escola, aqui ni nois não chegou, nois é que juntamos e compramos as mangueiras, mas mesmo assim a água não vem quase aqui, a mangueira e fina e o cano lá onde nos encaixa é grosso, e também a mangueira já ta toda quebrada, a água que vem fica tudo no caminho, tô pensando aqui em casa de abrir um poço, já tô ficando velha, não aguento mais carregar água nas costas” ela ainda ressalta: “sem luz (energia) dá pra viver, mas sem água não”.

O povo Kalunga faz uso da oralidade para contar suas histórias, repassar o conhecimento historicamente construído ao de sua trajetória, preservando assim sua

tradição através da transmissão oral de sua identidade cultural, aos mais novos. O estudo de letramentos na comunidade Tinguizal Kalunga, revela posturas ideológicas, forte e clara, a qual, revela não somente a condição do sujeito pesquisador, quanto também à condição do povo Kalunga, mas também a condição do negro afro descendentes na historia oficial brasileira. A atitude dos letramentos enquanto uma visão de Educação do campo contraria a lógica do letramento eurocêntrico, que coloca o sujeito que não teve a oportunidade de inserir nos seus letramentos as habilidades de escrita e leitura, são vistos como excluído da sociedade por não deter tais habilidades, sendo apenas objeto de pesquisa, porém dentro da visão dos letramentos da Educação do Campo, o sujeito sendo letrado ou não, são protagonista de letramentos, saindo assim da condição de excluídos retratada pela historia eurocêntrica e passa agir em defesa da sua própria historia, dos seus próprios letramentos, da historia e dos letramentos do seu povo nesta sociedade contemporânea.

Porém o recurso da oralidade esta atrelado ao outro recurso de suma importância na construção e preservação da identidade do povo negro, já que nos registros oficiais as praticas culturais (saberes e fazeres) do povo negro foram silenciadas, tornando-a invisível, a memória é o único recurso deste povo para manter viva sua real historia, a memória é que mantém a chama da oralidade acesa.

A oralidade e a memória na construção dos “saberes e fazeres” do povo Kalunga se faz presente na fala de dona Brasilina:

“Lembro que antes nois não tinha muitas coisas pra comer de manha para poder ir para a roça, o que tinha era o leito pra comer com farinha, beiju, e mandioca ferventada, e as vezes ia pra roça sem comer nada, hoje é difícil ir pra roça sem comer nada, as coisas hoje estão mais fácil ,.Nois pegava água no rio em pote de barro, lavava roupa também no rio com sabão de tingui feito aqui mesmo, pouca coisa era comprada na cidade, o óleo era tirado do coco, ou do toicinho de porco, o açúcar era rapadura feita por nois mesmo. Porque pra ir para cidade nois iam era á pé ou a cavalo, então não dava pra trazer muita coisa, o jeito era se virar pra produzir de tudo um pouco. Antes as mulheres tinha meninos aqui mesmo, foi assim que virei parteira, aprendi fazer parto com minha mãe, lá no sicuri só tinha ela de parteira e eu fui aprendendo para ajudar ela fazer os partos, os remédios primeiramente era a fé em DEUS, em Nossa Senhora do Parto e uns remédios caseiro como por exemplo se a dor tivesse pouca ,dava cordão de são Francisco e raiz de algodão para tirar a friagem e aumentar a dor. Hoje tudo mudou as mulheres não ganha mais meninos aqui, agora é só na cidade, daqui uns dias não tem mais nada aqui ate as rezas as danças estão acabando, os velhos estão morrendo e os novo não estão importando em aprender”.

Ao retratar a memória individual e coletiva do povo Kalunga, revela-se através dos múltiplos letramentos muito das tradições, valores, práticas, saberes, que os remetem a cultura com raízes na matriz africana. Os próprios sujeitos pesquisados ao longo de suas narrativas, tentam preservar esses traços históricos de suas raízes e origem.

“Eu me chamo Lorianana Pereira de Aquino, tenho 67 anos, nasci na fazenda vão de almas município de Cavalcante ,tenho 08 filhos 06 moram aqui no Tinguizal e dois em Brasília, já tem mais de trinta anos que moro aqui, morei no vão de alma ate quando fiquei viúva, depois que fiquei sozinha vim morar no Riachão na casa de minha irmã Maria e meu cunhado Posidônio, vim para aqui plantar roça, mas aqui já era dos meus avós, dessa família pereira, e que ficava lá no vão de almas cá, quando eu vim pra qui, de morador que tinha mais próximo era o finado Patur que morava lá no bananal que também é Tinguizal, aqui só era eu e meus filhos que quando chegava à época da chuva; nois vinha para plantar e só voltava para o Riachão quando colhia, todo ano era assim até que decidimos não ir mais para o Riachão, aqui era muito esquisito, o mato era muito fechado, tinha ate índio ainda aqui, Hoje muita coisa mudou, com a chegada da escola, vei a estrada, os carros em alguns lugar daqui do Tinguizal já tem água encanada, só aqui onde eu moro que ainda não tem, mas já tem energia”.

Nesse fragmento, da historia individual de dona Lorianana, que perpassa o individualismo e se materializa no coletivo, através do processo de “rememorização” dando voz a um povo histórico, de luta e resistência. Há tanto uma tentativa de preservar sua identidade, sua historia, quanto á do seu povo, sua comunidade e seu território.

No âmbito da pesquisa foi possível detectar enquanto oralidade/ letramentos a linguagem verbal através do uso da fala e a não verbal. Através do uso da fala os moradores da comunidade mantém suas práticas sociais, tais como: folia de Nossa Senhora do Rosário, Os rituais do giro da folia o canto da folia, a esmola para o santo, as curraleiras (organização do ritual) a fabricação do cruzeiro, a arrumação do altar (organização do espaço sagrado) e a dança sussa, (forma de agradecimento), benzimentos, (cura de doenças) canções, poesias, (expressões de sentimentos) todas essas tipologias são repassada de gerações a gerações através da oralidade.

Segundo relatos dos entrevistados Nossa Senhora do Rosário, é a padroeira da comunidade Tinguizal, ela se estabeleceu padroeira dessa comunidade através da Senhora Martinha (já falecida) que para cumprir uma promessa de sua mãe ela tinha que festejar a santa todos os anos e soltar a folia enquanto vida ela estivesse não era para deixar a “devoção”. Desde então a festa de Nossa Senhora do Rosário se estabeleceu na

comunidade, passando a ser a devoção de um todo,. Quando digo que se estabeleceu isso quer dizer que ela não começou no Tinguizal, de acordo com os relatos essa festa começou no vão de almas, onde a mãe de dona Martinha morava, mas não era considerada padroeira do vão de almas, ela era considerada promessa, pois o vão de almas a qual praticamente todos os moradores do Tinguizal vieram de lá.

Segundo relatos dos moradores da comunidade Tinguizal, essa comunidade se originou a partir da necessidade de um povo em produzir o seu próprio alimento, esse relato justifica o surgimento do Tinguizal, pois esses povos migravam para essa região em busca de terras extensas e condições favoráveis de clima e ecossistema, pois muitas daquelas terras que eles moravam não eram férteis, sendo assim possibilitou o início de um processo de produção de alimentos, ao mesmo tempo a formação de uma nova comunidade.

A movimentação do plantio de roça promoveu o deslocamento de uma comunidade para outra, logo se deu o início da formação da comunidade, pois alguns moradores preferiram não regressar a seus locais de origem e com isso permaneceram no Tinguizal e construíram suas casas. Segundo relatos de moradores no início da formação do quilombo era comum essa movimentação em busca de melhores condições de terras para plantio, os locais mais procurados para o plantio eram à beira dos rios e córregos, principalmente o rio Paranã, pois com as enchentes, a terra ficava adubada para o plantio. Com o passar do tempo descobriram que não era necessariamente plantar somente nas encostas de rios e córregos, mais que poderia haver terras que não precisassem estar sempre úmidas, e logo começaram a se dispersar entre aquelas serras a procura de local somente para plantio, pois eles não construíram moradia fixa, desse modo assim que colhia a roça retornavam para suas comunidades de origem (Riachão, Sicuri, Areia, Saco grande e Vão de Almas situado no município de Cavalcante) e esse método se repetiu sucessivamente durante muito tempo. Foi assim que muitos desses moradores chegaram à comunidade Tinguizal.

Durante muito tempo à localidade onde hoje está situada a comunidade Tinguizal era utilizada apenas para plantio de roça, poucas pessoas faziam uso daquelas terras. Em reunião realizada com alguns moradores, ficou constatado que a comunidade iniciou somente com dois grupos familiar: a família Pereira e a família Fernandes, logo após foram chegando mais pessoas para compor esse grupo de moradores.

Dona Martinha faz parte da família pereira que veio estabelecer moradias na comunidade Tinguizal, a qual antes era chamada de Saco, o nome inicial era devido o córrego Saco, e também devido ter que levar os alimentos produzidos ali no saco, para suas casas no vão de almas. Ao se estabelecer moradia no Tinguizal dona martinha continuou a festa, e assim a Santa se tornou padroeira do lugar.

De acordo com as entrevistas a importância da folia para a festa é que através dela, a santa anda na casa de todos levando as bênçãos, e convidando todos a ir participar da festa. Porém para a realização da mesma, tem que ter os foliões aptos a cantar os cantos da folia, estes foliões aprende os cantos na prática da oralidade, os novos foliões vão aprendendo o canto junto com os mais velhos, no próprio giro da folia, ou seja, eles aprende no fazer, na prática, assim como todo o contexto social da comunidade.

Os rituais do giro da folia são: reunida (saída), pode ser na casa da padroeira ou não, pois depende se mais alguém da comunidade não tenha feito nenhuma promessa pra solta-la em sua casa, porém da casa que ela sair ela tem que chegar nela de volta, esse momento da chegada é chamado de arremate da folia. Na saída os foliões assume o voto de levar os mandamentos da santa em todas as casas, zelando uns dos outros e da bandeira que a representa.

O cronograma da folia é de 7 dias de giro, normalmente sai no dia 01 de outubro, até chegar de volta ao ponto de partida, durante esses 7 dias a folia passa por vários momentos do ritual no dia: giro, canto, curraleira, almoço, bendito de mesa, despedida, giro, canto, curraleira, pouso, bendito de mesa. Cada momento desses tem sua finalidade, o giro é a ida dos foliões de casa e casa; o canto é forma de transmissão da mensagem da santa para as pessoas; a curraleira é um momento lúdico de mas com intenção de chamar atenção de sobre algum fato acontecido na comunidade ou fora dela, ou chamar atenção de alguém que fez algo de errado ou de escândalo na comunidade, esse momento é uma forma de punição coletiva; o bendito é um ritual de agradecimento pelo o almoço é um canto específico só para esse momento; e o pouso é o momento de pedir alguma família para lhes dar lugar para dormir ou passar a noite como é dito na comunidade. E assim a folia vai seguindo seu caminho até chegada no local de arremate.

Para o arremate é preciso construir o cruzeiro, para que os foliões passem por dentro do mesmo para poder levar a bandeira até o altar onde a santa esta a suas espera,

no cruzeiro é colocado petas, como alimento de gratidão, tanto da santa, quanto do dono da festa,

A dança sussa também é uma forma de agradecimentos aos foliões e a todos que estiveram no processo, nesses momentos, homens e mulheres se interage, sua alegria é expressa através dos gestos, dos sons, das rimas das músicas, e postura corporal, percebe-se que momentos como esses estão envoltos a uma gama de letramentos em prol da afirmação da identidade desse povo.

Assim como a folia, os benzimentos para a comunidade são momentos sagrados, pois dele se obtém a cura de alguns males, como: mal olhado, azia, dor de cabeça, e quebrante. Já as canções e poesias expressão os sentimentos não apenas do autor, mas de todos da comunidade através de sua letra, de acordo com Seu Aleriano “os melhores cantores que já teve aqui foi Boto e Jorge as músicas deles é boa não é igual essa que esses meninos ficam ouvindo ai não”.

Durante as entrevistas foi perceptível a preocupação dos mais velhos em relação à nova geração não estar valorizando tais práticas, e nem querem aprender, e com isso esse ato social dos conhecimentos orais podem cair no esquecimento, pois sabemos que letramentos como esses são registrados na memória coletiva de um povo, fato esse que dona Brasilina descreve bem em sua fala, “As coisas ta ficando feia os novatos não estão ligando nada disso”.

Essas práticas sociais são repassadas de geração a geração, através da oralidade por meio da linguagem verbal e não verbal, Sendo assim, através de uma linguagem mista, onde os sujeitos fazem uso das duas ao mesmo tempo para se comunicar. De acordo com as observações, o repasso de saberes são feitos em momentos de uso real. Por exemplo, quando uma criança está com dor de barriga tem o benzimento para passar a dor, porém só pode ser ensinado como este for praticado em alguém, dona Anita diz: “esses palavreados não pode ser ensinado a Deus dará (de qualquer jeito), pois são finíssimo esses dizeres, não é ensinado sem ser curando alguma pessoa, é ruim para quem benze, e quem é ensinado não pode apenas memorizar, ele tem que aprender se não ele esquece tudo de novo” assim como os demais eventos de letramentos da comunidade. Apresentam-se abaixo algumas formas expressões culturais, práticas sociais e religiosas:

Benzimento de tirar sol da cabeça (quando toma muito sol e a cabeça dói)

Nome do pai filho espírito santo (faça o sinal da cruz na testa)
 Sol e a lua, Jesus Cristo é a lua,
 Jesus Cristo é o sol
 O sol esquenta muito e a lua lumia
 Jesus Cristo desceu do céu
 Com três ramos na mão
 Benzendo sol, sereno, gripe e dor de cabeça (repete três vezes).



Figura 5.1.2 – Benzimento de dor de cabeça. Fonte: autora

Benzimento contra mau olhado

Jesus Cristo que te gerou
 Jesus Cristo te Criou
 Jesus Cristo te benze com esse olho ruim que te olhou
 Jesus Cristo te benze com esse olho ruim que te olhou
 Jesus Cristo te benze com esse olho ruim que te olhou (rezar três vezes)



Figura 6 – Benzimento contra mau olhado e quebranto. Fonte: autora

Benzimento para curar azia

Santa Andria tinha três filhas, uma fiava, outra tecia e outra benzia de mau de azia
 Santa Andria tinha três filhas, uma fiava, outra tecia e outra benzia de mau de azia
 Santa Andria tinha três filhas, uma fiava, outra tecia e outra benzia de mau de azia

Canto de folia de Nossa Senhora do Rosário fragmento do (bendito de mesa)

Lumiou a vossa mesa, boas palavras vou dar (bis)
 Vou pedir licença a todos, essa mesa vou louvar (bis)
 Agora vamos rezar, bendito louvado seja
 Bendito louvado seja, são palavras do principio (bis)
 Na cabeceira da mesa, vamos rezar o bendito (bis)
 Vamos rezar o bendito com sua família inteira (bis)
 La no seu Deus recompensa a virgem mãe padroeira
 Na cabeceira da mesa Nossa Senhora apresenta
 Com alferes e foliões agradecendo o senhor.
 O lá na outra cabeceira os anjos rezando nela
 A virgem Nossa Senhora agradecendo o dono dela
 O Deus que paga, forrada com esse véu
 A virgem Nossa Senhora leva essa mesa pro céu.
 Quem leva essa mesa para o céu, é os anjos José e Maria
 A sua delicadeza ampara sua família.



Figura 7 - Folia (Canto/chegada). Fonte: autora

Canto da sussa

Capinho da lagoua
 Já nasceu, enverdeu
 Viado comeu
 A formiga que dói é gigitiaia
 Ela sobe, ela desce de baixo da saia



Figura 8.1.2 – Dança da sussa/susseiras. Fonte: <http://semuc-cmcma.webnode.com>

Trechos de canções

O Brasil foi descoberto isso foi em mil e quinhentos
 Pra descobrir esse Brasil, nego teve sofrimento
 Trabalhava o dia sem poder aguentar
 O direito que eles tinha era dormir marrado e trabalhar
 (Trecho da musica de Boto e Jorge, autores Kalunga e de discursos de entrevistados)

Trechos de rezas

Reza de santa Rita:

Minha senhora Santa Rita, é uma santa mulher, no céu e na terra ela lá faz o que quer. Minha senhora Santa Rita, meu pai virtuoso herdou, DEUS, desceu do céu e ela lá santa ficou, minha senhora Santa Rita é uma santa virtuosa ela reza e oferece e roga á DEUS, por nois, minha senhora Santa Rita, dentro do jardim nasceu uma rosa, nasceu Santa Rita que é uma santa formosa, jejuou quatro anos dias as dias, era treis disciplina que ela tomava por dias, treis vela benta entrou em sua boca, era uma formosura que o povo se admirou, viva Santa Rita com os poderes que ela tem, louvores e louvores para sempre e amem.



Figura 9 – Rezas/Altar. Fonte: autora

Nesta pesquisa focalizo os tipos de linguagem verbal e não verbal presente na comunidade tais como: ritos, rezas, benzimentos, musica e dança, aqui denominado de letramentos híbridos culturais da comunidade Tinguizal. Procuo entender como esses letramentos poderão contribuir para o letramento escolar. Ao abordar o conceito de letramentos híbridos culturais da comunidade Tinguizal busco nos sentido dessas práticas sociais o reconhecimento e a existências desses letramentos nos modos de fazer e as especialidades deles para a comunidade, mas também para os saberes desenvolvidos no âmbito escolar.

Apontar essas Práticas culturais, enquanto contribuições para os letramentos escolares estabelecem novas maneiras de ensinar e aprender relacionadas com tais práticas a serem incorporadas na instituição. Tais práticas estimulam o aprendizado escolar, pois os educandos sentirão fazendo parte da construção de sentidos dos letramentos escolares. Essa hibridização dos letramentos possibilita o educando compreender melhor a sua identidade enquanto sujeitos de letramentos que perpassam as práticas escolares. As práticas de letramentos relacionados às atividades sociocultural da comunidade (rezas, danças, benzimentos, poesias, e música entre outros) são aqui consideradas bastante relevantes, por mobilizarem as formas típicas de produzir significados, além de envolver os educandos , a escola e a comunidade em um processo de letramento, muito mais amplo do que o convencional da escola Municipal Tinguizal. O olhar para essas práticas enquanto princípios educativos dos letramentos escolares ajudam a compreender de que modos o educandos tem aprendido a construir significados fora da sala de aula, o que esclarece as reflexões sobre como operam os letramentos híbridos culturais e suas contribuições para o letramento escolar. No que diz respeito à identidade as práticas de letramentos hibrido oriundas da linguagem verbal e não verbal revelam grande potencial para discutir questões de educação para relações étnicas raciais, e educação quilombola, por se tratar de uma comunidade quilombola, um debate que precisa urgentemente ser levados pra dentro da escola e da comunidade.

Ritos, rezas, benzimentos, danças, poesia, musica: letramentos híbridos a ser considerado

Essas tipologias são conhecidas na comunidade Tinguizal como cultura, pouco se ver no contexto escolar a consideração das mesmas enquanto letramentos. Há ainda

uma visão distorcida de que letramento é apenas o ato de ler e escrever, ou fazer uso da leitura e da escrita para se comunicar ou se fazer entender. Em comunidades como o Tinguizal esse conceito perpassa essa visão, pois os significados do fazer entender estão em suas práticas do dia a dia. Outra peculiaridade do letramento híbrido é o como se faz, a teoria não se separa da prática, vejamos um exemplo: A tipologia dos benzimentos, das danças e das rezas da poesia, entre outras, são práticas que fazem uso tanto da linguagem verbal, quanto a não verbal, as expressões fala, gestos, corporalidade, imagens, símbolos movimentos entre outros se faz presente simultaneamente. Para realizar qualquer uma dessas tipologias os rezadores, benzedores, os foliões, os poetas, os músicos fazem uso dessas linguagens para expressar a interlocução entre os sujeitos e a situação. A noção de interlocução supõe a existência de um locutor -sujeito que fala ou escreve; um interlocutor- sujeito a qual a enunciação é dirigida; e uma situação de comunicação-existência da situação. É somente com essa interação entre locutor e interlocutor, que a enunciação se estabelece e se concretiza de fato. Assim essas competências da linguagem é fundamental para os letramentos, seja eles escolares, ou não escolar. No caso da comunidade Tinguizal e o contexto da escola, os letramentos teriam que ser caracterizados por letramentos híbridos, pois, vejamos bem, se a escola se encontra dentro de uma comunidade de linguagens híbridas, e os sujeitos que a compõe faz parte da comunidade, esta escola querendo ou não, estão envolvidas em letramentos híbridos.

Tomemos como exemplo a frase “Pra descobrir esse Brasil, negro teve sofrimento”. É possível imaginar diversas situações em que ela poderia ser enunciada e os mais variados sentidos que poderia ser atribuído a ela, entre eles:

- 1- A história do descobrimento do Brasil
- 2- A escravidão
- 3- A memória do povo negro
- 4- Busca de reconhecimento na sociedade atual.

Tomemos como segundo exemplo há frase “Andria tinha três filhas, uma fiava, outra tecia e outra benzia de mau de azia”. Imagine diversidade de sentidos que ela pode ter se enunciado por um grande empresário do ramo de fabricação de roupa, enunciado por um pastor de igreja, e enunciado pela própria comunidade ou qualquer outro tipo desse gênero. Como seria o letramento para cada um desses gêneros?

De acordo com a pesquisa realizada percebeu que os letramentos próprio da comunidade a qual estou chamando de letramentos híbridos é composto de vários

elementos (rituais religiosos, musicas, danças, poesias, entre outras) que enriquece constantemente é lhe dão essa identidade. Como as práticas desses elementos reúnem os sujeitos dessa comunidade em uma ação social, onde estão envoltos ao uso da linguagem verbal e não verbal, é uma característica a convivência de pertencimentos aos múltiplos letramentos. Dessa forma a socialização do saber a organização do espaço, a referencia aos mais velhos, vivencia e o sentido de comunidade desses elementos implica sua relação com os letramentos múltiplos que a toma como uma das referencias de vida, fornecendo lhes instrumentos linguísticos cultural.

Com as observações foi possível identificar alguns aspectos do processo e realização dos letramentos híbridos que implica sua construção e reconstrução:

- a) A mediação cultural desses elementos, em sua ação verbal e não verbal, enquanto prática social desse grupo, possibilitando a interligação entre fala e escrita/oralidade e letramento.
- b) Identidade cultural, através desses letramentos híbridos afirma-se a identidade quilombola Kalunga
- c) Afirmação social de povos e comunidades tradicionais
- d) Memória coletiva, por meio dela que se retém e socializam a historia e os conhecimentos adquiridos mediante vivencias
- e) A solidariedade reforça os laços sociais da comunidade e as ações de ajuda mútua.
- f) Sociabilidade, facilita os processos de integração desse povo na sociedade em geral (leitura e escrita)
- g) Tradição e renovação mantêm os modos de fazer das gerações anteriores e incorporam a prática de leitura e a escrita aos novos modos fazer.
- h) Contradições e conflitos provenientes das relações sociais, econômica, política e cultural, inserido e refletido nos processos educativos da comunidade.
- i) Socialização dos saberes e práticas referentes aos letramentos múltiplo-híbridos da comunidade, os códigos linguístico, e as estratégias de sobrevivência desse povo que compõem e constituem os processos educativos da comunidade.

Neste sentido podemos dizer que os letramentos híbridos da comunidade Tinguizal está inserido num fazer histórico e numa relação comunidade e sociedade que constroem sujeitos, os que a constroem e a ela pertencem. Esses letramentos híbridos fazem parte do modo de fazer e se fazer da vida social desse povo, e constitui sua

identidade cultural. Esses letramentos educam e potencializam os processos educativos escolares com percepção da diversidade do conhecimento formativo.

Sendo assim esses letramentos híbridos está para além dos muros da escola, os mesmos não se aprisionam a aspectos meramente cognitivos, os mesmo se inserem e se conduz pela participação da comunidade com suas práticas. Dessa forma esses letramentos assumem um posicionamento de promover através da escola a superação de uma metodologia que traga uma visão de distanciamento dos letramentos próprios da comunidade com o letramento escolar, sendo que ao se tratar da comunidade ou do sujeito que a compõe vai além de um letramento saber ler e escrever, neste sentido o letramento e visto como alfabetização, não enquanto letramento. O letramento em seu real uso vai além dessas questões “ler e escrever” suas atividades pedagógicas se pautam pela sua prática, discussão e dialogo entre escola e comunidade, promovendo, enfim, atitudes sociais educativas que abranja as mais diversas questões da sociedade.

Esse caminho é o que parece, possibilitar a educação na comunidade Tinguizal que através dos múltiplos letramentos/ letramentos híbridos possam dar condição para garantia de valores como a pluralidade do conhecimento, garantindo aos espaços educativos, á promoção da igualdade, as oportunidades, participação e sociabilização do conhecimento

Tais referencias nos possibilitam pensar que a temática dos letramentos é pensar um direito social de um povo, é um pré -requisito para que esse povo desfrute dos demais direitos, social, político e civil.

No entanto em uma situação de linguagem hibrida os letramentos não se dão apenas na formar de diálogo. Isso não quer dizer que não haja um locutor, um interlocutor, e uma situação de comunicação. A leitura de uma historia de aventura, como a de Tarzan, quem é o locutor, você que esta lendo, quem produziu a narração e qual a situação. Neste caso quem fez a narração é o locutor, você que esta lendo é o interlocutor, e a situação é que tal narrativa não tem um interlocutor mas vários interlocutores, a narrativa foi feita não intenção de atingir um interlocutor, mas na intenção de atingir um publico imaginado especifico, ou seja para aqueles interlocutores que gosta do gênero aventura. Neste sentido é perceptível a dimensão dos letramentos híbridos, e de sua interlocução, o que antes era composto por um, locutor, um interlocutor e uma situação de comunicação nesse ultimo trecho podemos ver a adequação da linguagem,

acrescentada da intenção. Para cada locução, interlocução e situação de comunicação, há uma intenção (adequação da linguagem).

Do ponto de vista pedagógico, consideramos fundamental analisar as bases teóricas dos letramentos e as implicações práticas dessa proposta de letramentos híbridos tendo como estratégia a linguagem verbal e não verbal para a incorporação desse novo conceito de letramento tanto para os educadores escolar, quanto a inserção do mesmo no currículo escolar de forma interdisciplinar.

O que foi possível detectar mediante as observações feitas na comunidade e na escola é que os letramentos escolares e os letramentos híbridos da comunidade pouco se dialogam. No entanto, trata-se de uma questão extrema urgência, se queremos produzir letramentos escolares em comunidades tradicionais, como é o caso da comunidade Tinguizal, temos que levar em consideração os letramentos historicamente construído por esse povo dessa comunidade específica, de maneira que esses letramentos escolares juntamente com os letramentos histórico dessa comunidade, dialoguem entre si e se torne um só letramento, chamado aqui neste contexto de letramentos híbridos. Neste conceito de letramento essa prática estaria em consonância com as estratégias de concretização de novas formas de produzir conhecimento, que penetre as diferentes práticas sociais, culturais, econômico e político.

Buscar estratégias nesse sentido é fundamentalmente importante, principalmente para identificar a matriz predominante em cada proposta de letramento, em uma perspectiva educacional, capaz de trabalhar teoria e prática para a formação de sujeitos sociais críticos e ativos nos âmbitos individual e coletivo e as condições para que os letramentos, tanto escolar, quanto os não escolares possam dialogar entre si, para que determinadas experiências educativas possam neles se situarem.

O risco da fragmentação do conhecimento

Risco da fragmentação do conhecimento é uma das preocupações das professoras da comunidade Tinguizal, o não entendimento do conceito de letramento implicará na fragmentação das práticas educativas, escola e comunidade ficaram em lados opostos, cada um na tentativa da valorização dos conhecimentos. De um lado a comunidade com seus conhecimentos orais, e do outro a escola com seus conhecimentos científicos. Essa fragmentação do conhecimento não é bom nem pra comunidade, nem para a escola e nem para os sujeitos que as compõe. Neste sentido é preciso favorecer a articulação entre esses diferentes espaços educativos na garantia de um letramento que

possam promover fundamentos gerais que dê suporte teórico- metodológico- pratico, às lutas específicas ou sociais.

Nesta perspectiva, Rosa (2007, p.410) diz que “não se pode conceber o papel dos educadores como meros técnicos , instrutores e responsáveis unicamente pelo o ensino das diferentes áreas curriculares e por funções de normalização e disciplinamento. Os professores e professoras são profissionais e cidadãos, mobilizadores de processos pessoais e grupais de natureza cultural e social”.

Neste sentido os letramentos híbridos já tem caminhos construído no âmbito social da comunidade, o desafio agora é avançar em sintonia com os letramentos escolares, no compromisso histórico de estruturação dessas matrizes formadoras que viabilize uma sociedade inclusiva e centralizada nos princípios educativos sociais. Em conclusão e com a fala da professora Maria, nativa da comunidade e que cursou Licenciatura em Educação do Campo e atualmente esta sendo educadora na comunidade diz que “ tem horas que não sei se estou dentro da sala de aula ou fora dela, pois aqui é minha comunidade, onde vivi cresci, fui estudar fora, e hoje estou aqui tentando ensinar um pouco do que pude aprender com os letramentos da LEDOC, porém sem esquecer minhas raízes, quando venho pra sala de aula, trago comigo, não só os meus conhecimentos científicos, mas os meus conhecimentos da comunidade”.

A professora Maria descreve bem como e o porquê de seu processo de hibridização do conhecimento em sua prática educativa. A proximidade dos saberes e fazeres de um povo, sendo este, também sujeito desse processo facilita o processo educativo na comunidade

O aparecimento da escrita levou-nos a registrar decisões, compreender a complexidade da palavra, e ainda, possibilitou, registrar, também, a história e a complexidade do mundo (Sousa,2006: 31), Considerando os letramentos escolares que são o foco desse trabalho e os letramentos híbridos da comunidade.

É licito dizer que, pelo o exercício de contar e recontar historias sustenta-se a ciência do sujeito sobre si mesmo e dos outros com os quais interagem em comunidade. Nesse sentido [...] pessoas mais idosas da comunidade Kalunga detém a função de nos relatar historias marcadas por visões de mundo próprias e peculiares, transcendem a memória individual, sendo a memória sempre coletiva e, portanto, social formada, como se quer reiterar na esteira do grupo a que pertence (MOREIRA,2015,p. 32) .

As histórias contadas oralmente pelo o povo Kalunga é substituído por uma forma de contar através da língua escrita. Ao trazer o povo Kalunga suas historia individual e coletiva da comunidade tanto recente quanto antigas fazendo se um entrelace na historia na época da escravidão para este cenário de construção, além de privilegiar, ao longo desse enredo o coletivo em detrimento do individual , ou seja o que prevalece neste documento é a historia de um povo de luta, resistência e identidade , contada por sujeitos da comunidade Tinguizal, território quilombola Kalunga, não a de um sujeito específico em seu contexto histórico de produção de praticas sociais (leitura e escrita).

Assim os fatos antigos da historia do povo Kalunga ressurgem na atualidade, servindo de explicações para as varias situações cotidianas desse povo. A relação do velho com o novo se destaca ao longo de toda a narrativa por meio de dona Loriana, seu Joaquim, dona Anita, Dona Brasilina Portanto, entende-se que com a construção do PPP visa-se os objetivos, metas e as estratégias permanentes de uma instituição de ensino em termos de estratégias pedagógicas e funções administrativas, nesse sentido fazem parte da gestão e do planejamento escolar, e a operacionalização do planejamento de forma reflexiva continua de ação-reflexão-ação e dessa forma, se faz importante à participação coletiva em sua construção, pois ele passa a ser uma bussola para as ações da escola.

Diante das observações feitas em sala de aula nas aulas de língua portuguesa, pude perceber que a professora não tinha uma estratégia de ensino votada para os letramentos, seja ele o escolar ou não. Ao perguntar pra ela como ela trabalhava os letramento ela respondeu: “ eu busco o conteúdo de acordo com o que está sendo pedido na matriz, peço os meninos pra ler, algumas vezes eu leio com eles, e depois passo umas questões pra ver se ele compreendeu o texto”

Percebe-se pela a fala da professora que os letramentos são visto apenas como atividade obrigatória da matriz, ele não é visto como prática social, também não é visto como reflexo da realidade social, nesta visão os letramentos não se caracteriza enquanto letramento, mas sim enquanto alfabetização. Ao perguntar para professora porque que ao invés de pegar um conteúdo do livro ela pegasse práticas da comunidade enquanto conteúdo e desse para que os educandos pudessem fazer a compreensão dos fatos a partir da realidade vivida por eles, ela me deu a seguinte resposta “esses meninos não quer saber de nada não, se eu não pegar firme com eles, eles não vão aprender nada”. Mas uma vez ela descartou totalmente o poder que o letramento tem em si, para fazer com que os educandos sintam prazer em realizar as atividades proposta. É como se os

conhecimentos escolares estivessem separado da realidade do educando, é como se só o conteúdo do livro tivesse o poder do conhecimento e da compreensão.

Contudo analise aqui não é somente saber se o professor trabalha ou não com a idéia de letramento, é também tentar estabelecer uma interação entre o que está sendo trabalhado, com a realidade a qual está sendo posta. Nem tão pouco estou desfazendo do trabalho da professora, estou apenas tentando demonstrar uma condição a qual os letramentos se encontra na comunidade.

Nesse sentido percebe-se que os letramentos escolares não estão excluindo os letramentos híbridos da comunidade, ele não está sendo é condicionado em sua função que é a de formar cidadãos capaz de se construir socialmente, produzir conhecimento, elevar a consciência e de fazer com que o sujeito seja criadores e portadores de letramentos.

Ao fazer a observação dos momentos extraclasse (chegada à escola, recreio, final de aula, passeios, pesquisas, etc.), procurei focar no agir e no fazer dos educando, quais atividades eles desenvolvia no horário do recreio, o que eles faziam ao chegar à sala de aula e ao sair, e como eles se relacionavam entre si, quais elementos eles da sua cultura eles traziam para esse espaço coletivo, quais eventos de letramentos estavam contido nessa recreação dos educandos, observei também se algum professor eu uma das professoras pesquisada participava desses momentos recreativo juntamente com os educandos.

Ao ver os educandos chegando à escola a primeira coisas que eles faziam era toma a benção aos funcionários da escola (auxiliar de limpeza, merendeira, professora e quem mais estivesse no local, inclusive eu. Chegavam cansados, suados, porém sorridentes, começavam logo se interagir uns com os outros, nos diálogos descontraídos eles iam tecendo as historias que se construía no caminho, ou acontecimentos de casa, dos acontecimentos fora da escola. Vejamos alguns fragmentos dessas falas:

_“Hum, hoje quando eu tava vindo, eu vi uma cobra.”

_“Que cobra era?”

_Jaracuçu, a bicha era grande”

Nesse momentos todos se voltam para á historia que está sendo contada pelo o colega, e começam a dialogar, como se todos estivessem presenciando a cena. Ali todos sabiam o que era cobra (signo), todos sabiam de que cobra o colega estava falando (significante) e todos sabiam que cobra é um animal (significado) e todos pensavam no

que poderia acontecer naquele espaços e tempo de encontro do menino e a cobra, começaram a perguntar “ em que lugar da estrada ela estava” (percepção do espaço) “ o que você fez quando viu ela” (instinto de reação). Minuciosamente percebe como os educandos em um pequeno espaços de tempo estavam construindo letramento próprio da comunidade (híbridos) através da oralidade, é como se eles estivessem escrevendo, desenhando e lendo a historia, a partir de sua realidade, eles colocariam os códigos na construção dessa narrativa com muita facilidade, ao narrar (oralidade) essa narrativa o educando através dos seus conhecimentos próprios e dos conhecimento escolar (leitura e escrita) poderia escrever letramento híbrido próprio da comunidade, fazendo uso da leitura, da escrita, e da cena ocorrida.

Ao narrar essa historia o educando fazia uso da linguagem verbal e não verbal, com a linguagem verbal ele narrava a historia, e com a não verbal ele fazia uso dos gestos, como por exemplo fazer a representação do tamanho da cobra com as mãos.

Nos momentos de recreação o que mais me chamou a atenção foi às brincadeiras de rodas, essas brincadeiras enquanto letramentos estão representados através da multimodalidade discursiva dos educandos, a qual se constrói letramentos híbridos, pois na multimodalidade discursiva nesse contexto faz- se uso da linguagem verbal e não verbal, (fala, gestos e sons), vejamos um exemplo de uma das brincadeiras de rodas do momento de recreação dos educandos.

“Ciranda, Cirandinha, vamos todos cirandar,
Vamos dar meia , volta e meia vamos dar
O anel que tu me deu, era vidro e se quebrou
O amor que tu me tinhas, era poço e se acabou,
O menina entra nessa roda diga um verso bem bonito
Diga adeus e vai se embora (“quando eu vim de lá de casa, vi uma galha de mamão, mamãe diz que namorar é pegar e beijar a mão”)

Podemos perceber aqui nessa brincadeira de roda a interação dos letramentos escolares (leitura e escrita) e dos letramentos próprios da comunidade (oralidade, memória, construção coletiva) há também conhecimento prévio da musica, sem antes ter visto ela no espaço escolar, essa musica foi repassada de geração a geração nas brincadeiras de roda da comunidade, porém essa não é uma construção própria da comunidade, ela entrou no “dicionário memória” das pessoas da comunidade através dos letramentos sociais, ou seja, mesmo que em sua maioria as pessoas da comunidade não tivesse contato com a leitura e a escrita diretamente, eles recebiam essa leitura e escrita

através de alguém da sociedade que era letrado, e os repassavam oralmente, e os mesmo os repassavam a nova geração com as característica da comunidade. Como por exemplo, quando colega responde o chamado da ciranda “quando eu vim de lá de casa, vi uma galha de mamão, mamãe diz que namorar é pegar e beijar a mão” além dela trazer os elementos/objeto do seu conhecimento “mamão” também traz os ensinamentos da mãe, em relação ao namoro. Neste sentido podemos perceber a hibridização dos saberes, musica ciranda cirandinha construção de uma sociedade ampla, em um contexto local se relacionando com os sujeitos e suas práticas sociais educativas.

Para investigar a prática de ensino seria necessário observar a mesma e com isso construir uma crítica construtiva que sugira reconhecer o que já atende as expectativas e o que precisaria ser implantado para que pudesse dialogar conteúdo sistemático e curricular com as práticas sociais, culturais e econômicas da comunidade.

Ao perguntar a professora quais atividades ela achavam interessante passar para os alunos ela respondeu que era leitura, perguntei o porquê de ser a leitura?, Ela respondeu que “através da leitura o aluno conhece o mundo.” Vamos analisar essa resposta: “através da leitura o aluno conhece o mundo.

- a) Que mundo?
- b) O que está escrito nesse mundo?
- c) A comunidade faz parte desse mundo?
- d) Como sujeitos dessa comunidade o vê fazendo parte desse mundo?
- e) Como uma comunidade que é formada por pessoas que tiveram seus antepassados escravizados sé vê nessa leitura de mundo?
- f) É preciso apenas conhecer o mundo fora do seu e espaço?
- g) Só a comunidade que precisa conhecer o mundo, ou mundo também precisa conhecer a comunidade?

Ao analisar a resposta da professora o quão grave é a situação da construção do conhecimento nessa comunidade de pessoas com uma construção de luta e resistência para se afirmar sujeitos de direito, olha só, estamos falando de pessoas que em sua trajetória histórica busca o seu reconhecimento enquanto cidadãos de uma única sociedade. Estamos falando de divisão de classes. Pois bem pegando pelos exemplos dos livros didático principalmente os que fala desse “mundo” propriamente dito, como o negro é escrito nessa leitura? Como o negro é narrado nessa leitura? Em se tratando de uma comunidade composto por pessoas negras, qual é o conhecimento que se está se

propondo para um educando que ainda está no seu processo de formação crítica? Como esse educando vai pegar esse conhecimento para si? Como desconstruir o que está construído nessa leitura?.

Bom, depois de todos esses questionamentos, buscarei responder através da minha própria trajetória, em busca de um letramento escolar, como ao longo do tempo esses letramentos foram se construindo dentro de mim. Pois sou esse povo, e faço parte desta comunidade de pesquisa.

“Meu nome é Maria Helena, menina simples e sonhadora, devido às durezas que a sociedade me proporcionou, desde antes mesmo de eu ser gerada, eu sonho o sonho do meu povo, e assim que nasci comecei a pagar pelo que ainda nem tinha usufruído, assim como o meu povo estava pagando, para sociedade nos tínhamos uma dívida, a de existir. A nossa existência não era pra estar escrita na história da sociedade, muito menos a minha história, somos taxados de diferentes, exóticos, até cor nos temos: preta, parda, amarela, morena, cor de burro, marrom, clara, escura, entre outras, até cor azul nós temos (“fulano chega é azul de preto”) para a sociedade somos povos de várias identidades: descendente de escravos (construção da história); povo negro, povo preto, entre outras denominações. Quando comecei a trilhar os caminhos dos letramentos escolares, não mais queria ser eu, não me mostrava para a sociedade quem era Maria Helena, eu mostrava para a sociedade o que ela queria ver da Maria Helena, e todas as vezes que me aprofundava na leitura e na escrita eu não queria ser eu, queria ser tudo menos eu, nesse caminho tropecei várias vezes e cair, não por falta de atenção, eu era empurrada pelo sistema. Mas como o meu sonho era me libertar de muitas opressões e talvez passar a ser a opressora, o único caminho que eu via era o da escola, eu precisava estudar, ter as armas da opressão, ser alguém, esse alguém eram os opressores, estes eram o espelho para minha vida, e na escola isso me alimentava cada vez mais, eu me tornava racista cada vez mais, eu era racista comigo mesma, eu não queria ser “preta” assim como a sociedade me caracterizava, e caracteriza. Os piores momentos desse caminho era quando eu me tornava o exemplo da figuração do livro, era sempre assim “olha ela é igual à escrava do livro!” “Olha essa neguinha aqui com a trouxa na cabeça, é igual o povo seu!” Outro momento era neguinha você quer trabalhar em casa? Eu te dou umas roupas que não quero mais de presente! Eu vestia essas roupas e achava o máximo ter ganhado esses presentes, meu serviço não tinha nenhum valor, eu estava recebendo um presente. Voltando aos livros como era doloroso me ver representado ali daquela forma, mas

mesmo assim eu queria aprender esses letramentos, ainda queria ser opressora, só assim eu não mais fazia parte daquela história, a minha construção do conhecimento se baseava nos termos “negro escravo” não nos termos cidadãos, eu não queria ser negra, eu queria beber leite quente para ficar branca, assim eu seria aceita pelos os meus colegas nas rodas sociais, cada passo que eu dava, mais eu queria ser branca, vivia pensando formas de embranquecimento.

Tentei uma vez a me matar, pulei da ponte, minha vida não fazia sentido, eu estava num mundo que não me queria nele, eu por um bom tempo eu também não queria estar nele. Quando tinha uns nove anos conheci uma professora que era tão boa em ensinar e cuidava de mim como se fosse filha, pois dos dois anos até os 11 anos fui criada sem mãe, era tudo que queria, ter mãe. Se a sociedade já é dura com uma pessoa negra, imagina com alguém sem os seios de mãe.

Pensei até desistir da escola, não dava mais pra aguentar, mas quando essa professora entrou na escola tudo mudou, ela me incentivava todos os dias, foi nesse momento que o meu sonho mudou e eu nem percebi, eu já queria ser professora, ai minha professora dizia “pra ser professora você tem que estudar muito” ai coloquei na cabeça que ia ser professora, não importava aonde eu ia, a descrição do livro sobre mim, ia me acompanhando, porém já não me fazia tanto mau, eu queria ser professora, e pra ser professora eu tinha que estudar muito, e se era isso que eu tinha que enfrentar, eu ia enfrentar, não importava o que acontecia eu ia enfrentar.

O que tinha no livro já não era mais obstáculo, eu não deixava os obstáculos me vencer, e assim fiz minha trajetória, até terminar o ensino médio e me tornar professora, porém não uma professora diferente das outras, a minha formação era igual à de todas, então eu ensinava como aprendi, e não como minha comunidade deveria aprender. Em 2012 entrei no curso de Licenciatura em Educação do Campo, nessa formação que pude afirmar a minha identidade enquanto pessoa, foi nessa formação que afirmei minha identidade de professora, foi nessa formação que adquiri os conhecimentos necessários para ser um professor transformador, não um professor opressor, Os letramentos da Ledoc, me mostraram que é possível ensinar diferente, que é possível a educação ser de igualdade, que é possível fazer letramento sem ser pejorativo a qualquer sujeito.

Com base nas observações feitas na comunidade e na escola, percebe-se que o contexto sociocultural da comunidade como: rituais religiosos, danças, benzimentos, músicas poesia entre outros. Constroem momentos de interações sociais e espaços de

conhecimento e vivências coletiva. Em relação a esse contexto farei um confronto dos resultados obtidos mediante as observações com o PPP da Escola Tinguizal se este contexto sociocultural da comunidade (oralidade Kalunga) esta inserido na escola, e como eles interagem com os letramentos escolar. Sabemos que a educação atualmente na comunidade é um instrumento de combate às violências sofridas pelos sujeitos dessa comunidade ao longo de suas trajetórias de vida. De acordo com o PPP da escola “O Projeto Político Pedagógico além de ser o eixo de toda e qualquer ação a ser desenvolvida no estabelecimento de ensino, proporciona a busca da identidade da escola, tendo por finalidade o comprometimento na construção de uma sociedade mais humana e democrática, vendo o homem como ser social e sujeito da educação”.

Com base nessa frase “construção de uma sociedade mais humana e democrática” ao perguntar os professores e a comunidade se eles tem participação na construção desse PPP, todos os professores disseram que não, que o PPP já vem pronto de da secretaria, e a comunidade desconhece o que é PPP. Sendo assim a “democracia” descrita pelo PPP é mera demagogia,

A inserção dos instrumentos a qual estou chamando de letramentos híbridos no âmbito do saber escolar requer compreensão do seu significado e de sua práxis. No campo dos letramentos formais é preciso estar atento às metodologias para que as mesmas sejam compatíveis a esses letramentos híbridos da comunidade, possibilitando que esses letramentos possam permear por todos os conteúdos escolares de forma interdisciplinar, ou seja, que eles estejam presente em todas as disciplina. Neste sentido o PPP diz que “O planejamento é um modo de ordenar a ação tendo em vista os fins desejados, e por base nos conhecimentos, que deem suporte ao objetivo, à ação; é um ato coletivo, não só devido a nossa constituição social, como seres humanos, mas, de que o ato escolar de ensinar e aprender são coletivos.

Diante desse discurso “ação é um ato coletivo” e com as observações feitas, foi possível perceber que essa ação coletiva se dá apenas no contexto escolar sem envolvimento do contexto sociocultural da comunidade. Sendo assim essa “ação” não tem bases para sustentar os letramentos da comunidade.

Assim sendo o Projeto Político Pedagógico deve ter como referência uma elaboração coletiva, proporcionando momentos de leitura, discussões e reflexões de todos os membros envolvidos no processo de aprendizagem da escola como: conselho escolar e outros.

Nesse sentido toda a organização escolar: administrativa, pedagógica, e dos serviços de apoio, dos professores, ou seja, todo o grupo gestor em suas práticas de letramentos tem que estar aptos a trabalhar esses letramentos. Os mesmos devem passar pelo aprendizado dos conteúdos específicos dos letramentos escolares, estando relacionados á coerência das ações e atitudes tomadas nesse processo. Sem essa coerência, o contexto sociocultural e o discurso desses letramentos, ficam desarticulados da prática e deslegitima todo o processo educativo neste sentido. Também é preciso ter a consciência que esse letramentos é um processo contínuo.

Neste sentido concorda-se com o PPP quando o mesmo diz que “Assim sendo o Projeto Político Pedagógico deve ter como referência uma elaboração coletiva, proporcionando momentos de leitura, discussões e reflexões de todos os membros envolvidos no processo de aprendizagem da escola como: conselho escolar e outros”. O termo “outros” aqui pode ser uma abertura a participação da comunidade.

Segundo o PPP a criação da escola se deu a partir do interesse da comunidade que reivindicaram ao governo municipal, pedindo a construção de uma escola para melhor atender os seus filhos que se deslocavam para estudar na escola mais próxima que ficava a uma distância de 06 km.

Diante das entrevistas seu Joaquim diz que “nos lutamos muito por essa escola, antes era uma escolinha de palha, hoje já temos uma grande que o exercito construiu” nesta fala de seu Joaquim mostra sua satisfação através dos olhos e do sorriso ele também relembra sua infância, e diz da importância dos estudos. Seu Joaquim também revela suas angustias em relação á não ter á oportunidade de estudar, pois não havia escola na comunidade, nem no Tinguizal, nem no vão de almas onde nasceu. Ele conta que a oportunidade que teve foi muito pouca ele andava 10 km subindo serra descalço, ate na fazenda Sicuri, onde uma senhora chamada Geuza começou a dar aula para os meninos de todas as comunidades, mas com o tempo ele acabou desistindo, porque a dificuldade era demais, tendo que subir serra todos os dias descalço e ainda chegar e ir pra roça capinar, Segundo ele hoje pelo menos na areia de estudo esta bom, o grande problema é quando os filhos já não tem mais aula ali, e precisa sair para estudar fora, pois muitos pais não tem condição de manter seus filhos na escola, ocasionando assim um alto índice de meninos Kalunga desistente, fazendo com que muitos dos jovens entre 13 á 20 sejam obrigado a irem embora da comunidade em busca de melhores condições de vida e

estudo, pois para ele é muito triste não saber ler ou escrever, e que o pouco que aprendeu faz com que ele se sinta bem,

Essa satisfação também é realçada por dona Loriania ela também revela, que queria muito estudar e que sente muito por não ter tido a oportunidade de aprender a ler á escrever, mas que se sente feliz ao ver seus filhos ,seus netos e seus bisnetos estudando e alguns ate formados no ensino médio e cursando o ensino superior. Ela também conta que é devota de santa Luzia e que todo ano reza e faz a festa em homenagem à santa das vistas, diz também que os mais novos não estão querendo aprender as rezas e as folias, poucos se interessa, mas que essa falta de interesse ocorreu depois que muitos começaram á sair pra estudar e trabalhar fora ,ela diz que se os mais novos não aprender daqui uns anos ,se ela morrer não terá mais festa de santa Luzia

Em relação aos” índices de meninos Kalunga desistente” o PPP diz o seguinte “Portanto, a escola deve ser um ambiente privilegiado de aprendizagem. Nela, o currículo, a formação dos professores, a administração do tempo, do espaço, o material didático devem estar planejados para ajudar a constituir um espaço de aprendizagem. Ela deve ser eficaz para o fim a que se propõe. E é pensando nisto que fazemos o possível para transformar o ambiente escolar o mais agradável possível para que nosso educando sinta prazer em vir e permanecer na escola”.

Em relação á pesquisa com os educandos desistentes, buscou responder estas questões abaixo relacionadas com fragmentos das resposta dos educando”. Identificando-os por educando 1, 2, 3, e 4.

- a) Qual o motivo da desistência?
- b) Qual sua relação com a escola?
- c) Qual sua relação com o professor?
- d) Você pretende voltar a estudar?

O educando 1 disse: “eu preciso trabalhar, vou embora daqui, aqui não tem serviço pra mim, aqui não tem nada, a escola é só prá mim estudar, os professores não sabe conversar com agente, ele acha que é pai da gente, pra ficar gritando com a gente, só porque faltei porque fui ajudar meu pai na roça, ele não quis me dar à prova, falou que se eu faltasse de novo ia me reprovar, não deixou eu nem falar o porquê faltei, a escola é dele, ele que fica com ela, eu que não volto mais pra escola”.

Educando 2 “lá na escola é muito ruim, aqui não dá pra ficar só estudando sem trabalhar, pai e mãe não tem como me dar tudo que eu quero, eu quero comprar sapato, e

um monte de coisas que eu preciso, se eu ficar só na escola não tem jeito não. O professor ganha o dinheiro dele, compra as coisas dele e não esta importando se eu tenho alguma coisa ou não”.

Educando 3 “tenho que sair pra trabalhar, aqui não tem serviço pra gente, na verdade não tem nada, lá na rua tem tudo, do que adianta eu estudar e não achar serviços, olha o tanto ai que já estudou e não esta trabalhando, tem uns até que já fez faculdade, nem esse não tem emprego eu que vou ter, o prefeito aqui emprega quem ele bem quer, nos aqui não tem vez não, então pra que estudar? O professor não sabe dar aula e quer que agente aprende, um dia talvez eu volto a estudar mas agora não”.

Educando 4 “os professores não entende o que eu falo direito, porque tenho a boca rachada e o céu da boca também, todo mundo da sala fica rindo por causa de como eu falo as coisas atrapalhada, falo assim não é por que eu quero não, se eu fosse boa eu não falava assim não. Às vezes eu não quero fazer as atividades de leitura ou responder o que o professor pergunta, ele acha que eu não quero estudar, fica falando coisa, pensa bem, todo dia eles ri de mim porque falo as coisas atrapalhada, eu vou querer ir estudar com esses sabido, eu não. Meu sonho é ser professora, mas assim não da pra estudar, depois que eu operar o céu da boca, talvez eu volto,

Diante da fala da educanda algo que me chamou muita atenção no PPP, foi o seguinte:

“Entendemos que nossa finalidade é o compromisso com a redução das desigualdades sociais; a articulação das propostas educacionais com o desenvolvimento econômico, social, político e cultural da sociedade; a defesa da educação básica, gratuita de qualidade como direito fundamental do cidadão. Nessa perspectiva, a Escola Municipal Tinguizal oferta o Ensino Fundamental 1º ao 5º ano no turno matutino.

Ofertamos atendimento educacional especializado aos alunos:

- ✓ Dificuldades acentuadas de aprendizagem ou limitações no processo de desenvolvimento que dificultem o acompanhamento das atividades curriculares, relacionadas a distúrbios, limitações ou deficiências;
- ✓ Dificuldades de comunicação e sinalização demandando a utilização de outras línguas, linguagens e códigos aplicáveis;
- ✓ Condutas típicas de síndromes e quadros psicológicos neurológicos ou psiquiátricos;
- ✓ Superlotação/altas habilidades que, devido às necessidades e motivações específicas, requeiram enriquecimento e ou, aprofundamento curricular, assim como aceleração para concluir, em menor tempo a escolaridade.

De acordo com a fala da educanda e as entrevista, os moradores relatam que isso não se aplica, seu Jose pai de uma menina com síndrome dawn em uma conversa descontraída ele disse o seguinte “ quando minha filha estava viva ela gostava de vim pra escola estudar, todo dia ela pegava o caderno colocava debaixo do braço e vinha sozinha, porém esses anos todo ela não aprendeu, na verdade nem os professores queria perder o tempo deles de ensinar um aluno bom, pra ensinar pra minha filha, eles não estão preparado pra ter uma criança aqui assim não”

Percebe-se na fala de seu José a angustia e dor, de ver que se sua filha, tivesse tido um acompanhamento especializado igual está escrito no PPP, ela tinha aprendido ler e escrever. Esse atendimento só consta no papel, na prática é nada.

Ao se tratar de prática pude perceber as diferentes temáticas que foram surgindo ao longo de cada narrativa, por exemplo, história como: mudanças no modo de vida cotidiano, dificuldades, escolas, conflitos, família, festa, trabalho, uso da terra, alegrias, tristezas, desejos, entre outros temas. Sendo assim sabe-se que as mudanças no modo de vida cotidiano foram provocadas pela chegada da escola e conseqüentemente da estrada, energia, água encanada em parte da comunidade; das dificuldades enfrentadas está na falta de estrutura social e política de acordo com o modo de vida da comunidade Tinguizal, desse modo surgem os conflitos que envolvem as famílias dessa comunidade e pessoas não nativas da mesma, pois segundo relatos verbais pessoas que entram na comunidade possuem uma cultura diferente e de maneira direta ou indiretamente interferem na cultura nativa.

O uso da terra está intimamente ligado ao trabalho, as alegrias e as tristezas, pois segundo relato de alguns moradores o desejo de possuir bens de consumo, até então não conhecidos e que por esse motivo não sentiam necessidade, mas tendo em vista a inserção da “cultura do outro”, ou seja, uma cultura de tecnologias modernas, passam a ser desejável como item essencial para o bem estar pessoal. Por outro lado há a evasão de jovens, fato esse que provoca profunda tristeza e conseqüentemente perda de identidade cultural. Neste sentido o PPP consegue fazer um dialogo com essa escrita. “A escola tem a responsabilidade de nortear as atitudes básicas para a transformação de uma sociedade mais justa e democrática, onde homens trabalhem par viver com qualidade e respeito, valorizando a cultura e a discussão entre todos e por todos”

Em relação à formação de educadores o que foi possível constatar é que a introdução da temática dos letramentos na formação de educadores, continuada ou de graduação, poucos são os cursos que trabalham sistematicamente nesta perspectiva de letramentos enquanto inclusão social. Neste sentido é preciso que perceba que essa temática dos letramentos se desdobra em duas vertentes que de início parece não ter nenhuma relação e que no final, percebe-se que essas duas na verdade é uma só. Inicialmente cabe destacar que letramentos em sua natureza são patrimônios historicamente construídos a partir do conhecimento social: articula, organiza, reflete, interpreta, intervém e produz novas realidades, tanto do ponto de vista de estrutura física, quanto social.

Nessa perspectiva, o acesso a esse tipo de letramento, bem como a apropriação desse conhecimento é um direito inegável a todos. Desse mesmo modo a participação no processo de produção reprodução e preservação desse conhecimento são também de responsabilidade de todos. A sistematização dessas práticas sociais de realizar conhecimento através dos letramentos em circulação social é prioritariamente função escolar. Todavia não é somente responsabilidade da escola garantir a efetividade desse processo, sendo ela uma instituição pública que tem como parâmetros norteadores a política de estado, seja na educação básica ou superior.

É preciso olhar a temática dos letramentos para além da sala de aula, ou meramente o ato de ler e escrever, mas olhar letramento enquanto ação social. E sendo este ação social, cabe ao estado garantir políticas públicas que possibilite o ingresso e a permanência de pessoas que querem exercer o papel de educador nos espaços de formações deste nível. Isso significa que é preciso que haja essas políticas e que essas políticas prevejam processos específicos para essa formação desses profissionais.

Partindo dessas premissas analisaremos uma dessas políticas de oferta de formação de educadores em sua especificidade que é a Licenciatura Educação do Campo-FUP-UNB, por meio do seu PPP e das falas de sujeitos que através dela, se tornaram profissionais da educação. Segundo o PPP a proposta de implementação do Curso de Licenciatura em Educação do Campo atende á demanda formulada pelo Ministério da Educação, por meio do Edital nº 9, de 23 abril de 2009. O mesmo diz ainda que o curso pretende contribuir para construção coletiva de um projeto de formação de educadores que sirva como referencia prática para políticas e pedagogias de educação do campo.

Neste sentido buscou-se através das entrevistas com a professora Maria da comunidade Tinguizal verificar o que seria Educação do Campo e quais contribuições esse curso traz para comunidade.

A Licenciatura em Educação do Campo é um curso específico para atender as particularidades dos moradores do campo, com direitos iguais de cidadão, visando uma graduação para todos. Além disso, com qualificação profissional de qualidade. Em geral a Educação do Campo nos proporciona a aplicação dos conhecimentos valorizando os conhecimentos empíricos e acumulando o científico; nos fortalecem como coletivo e melhora a educação em nossas comunidades, a Educação do Campo pode ser considerada qualidade de vida. Além da formação de profissionais voltado para a área da educação, a Educação do Campo preocupa com a estrutura social das pessoas e nos ajudam organizar melhor nossa sociedade.

Neste sentido percebe-se que a Educação do Campo não pode ser entendida apenas como uma simples formação de profissionais da educação, para Lourdes Fernandes também egressa da Ledoc não se preocupa apenas com a formação “penso que, além da formação profissional o curso preocupa em trazer melhorias no âmbito social, educacional, moradia, saúde, etc. Pois o curso nos dá ânimo de luta visando a igualdade social. A Licenciatura em Educação do Campo é um curso diferenciado, ele nos fortalecem, fortalece a comunidade, fortalece os coletivos da comunidade, fortalece a escola e nos dá mais bases para organicidades para as lutas.

Percebe-se aqui que a partir da visão das entrevistadas essa política pública vem de encontro as DCNs para a Educação Quilombola que estabelece mediante resoluções o seguinte:

Art. 1º Ficam estabelecidas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica, na forma desta Resolução.

§ 1º A Educação Escolar Quilombola na Educação Básica: I - organiza precipuamente o ensino ministrado nas instituições educacionais fundamentando-se, informando-se e alimentando-se: a) da memória coletiva; b) das línguas reminiscentes;

c) dos marcos civilizatórios;

d) das práticas culturais;

e) das tecnologias e formas de produção do trabalho;

f) dos acervos e repertórios orais;

g) dos festejos, usos, tradições e demais elementos que conformam o patrimônio cultural das comunidades quilombolas de todo o país;

h) da territorialidade.

II - compreende a Educação Básica em suas etapas e modalidades, a saber: Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio, Educação do Campo, Educação Especial, Educação Profissional Técnica de Nível Médio, Educação de Jovens e Adultos, inclusive na Educação a Distância;

III - destina-se ao atendimento das populações quilombolas rurais e urbanas em suas mais variadas formas de produção cultural, social, política e econômica;

IV - deve ser ofertada por estabelecimentos de ensino localizados em comunidades reconhecidas pelos órgãos públicos responsáveis como quilombolas, rurais e urbanas, bem como por estabelecimentos de ensino próximos a essas comunidades e que recebem parte significativa dos estudantes oriundos dos territórios quilombolas;

V - deve garantir aos estudantes o direito de se apropriar dos conhecimentos tradicionais e das suas formas de produção de modo a contribuir para o seu reconhecimento, valorização e continuidade;

VI - deve ser implementada como política pública educacional e estabelecer interface com a política já existente para os povos do campo e indígenas, reconhecidos os seus pontos de intersecção política, histórica, social, educacional e econômica, sem perder a especificidade.

Art. 2º Cabe à União, aos Estados, aos Municípios e aos sistemas de ensino garantir:

I) apoio técnico-pedagógico aos estudantes, professores e gestores em atuação nas escolas quilombolas;

II) recursos didáticos, pedagógicos, tecnológicos, culturais e literários que atendam às especificidades das comunidades quilombolas;

c) a construção de propostas de Educação Escolar Quilombola contextualizadas.

Art. 3º Entende-se por quilombos:

I - os grupos étnico-raciais definidos por auto atribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica;

II - comunidades rurais e urbanas que:

a) lutam historicamente pelo direito à terra e ao território o qual diz respeito não somente à propriedade da terra, mas a todos os elementos que fazem parte de seus usos, costumes e tradições;

b) possuem os recursos ambientais necessários à sua manutenção e às reminiscências históricas que permitam perpetuar sua memória.

De acordo com o artigo 2º das Diretrizes Curriculares para a Educação no Campo evidencia que a definição da identidade da escola dessa modalidade passa, primordialmente, pelo perfil dos indivíduos a que está destinada. Sendo assim, a identidade da escola do campo não pode ser restrita a uma localização geográfica, mas sim estar vinculada à comunidade do campo, além de estar intrinsecamente relacionada às questões da realidade social dos povos do campo.

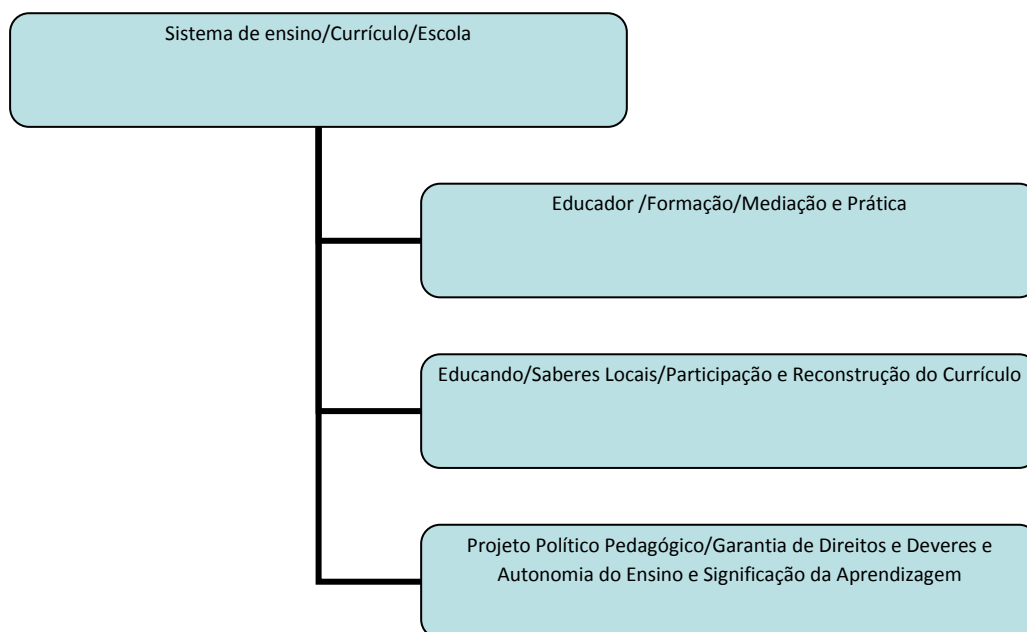
Portando foi mediante todas essas discussões que a inserção da oralidade na construção dos letramentos escolar, não depende apenas da formação do educador, mas de todo contexto que envolve os processos educacionais no âmbito de suas especificidades como é o caso das comunidades quilombolas.

É bem ali,
Entre morros e serras,
É acolá, entre serras e morros,
Escuta!
Os sons da terra, os sons do mato, das águas e do povo;
Veja o bailar das saias coloridas
Escute!
O batuque do tambor
Os sons das orações,
Viu?
Estamos em todo lugar,
E na escola devemos estar! (autora – Maria Helena)

3.4 - Contextualização Escola Municipal Tinguizal e Projeto Político Pedagógico

O projeto Político Pedagógico conhecido como PPP, deve propiciar um diálogo entre currículo, escola, mediação e prática de ensino e as especificidades da comunidade escolar. A escola atende as normas de um sistema de ensino que sua vez propõe o currículo referencial de conteúdos e prévia de habilidades ou expectativas de ensino, desse modo, o PPP da escola deve articular a construção do mesmo, de forma dinâmica, dialógica, ética e democrática, concedendo significados a aprendizagem dessa proposta para os educandos, para entender melhor os esquema abaixo ilustra a afirmação acima.

Quadro 1- Esquema de construção do Projeto Político Pedagógico.



(Autora: Maria Helena)

Segundo o Projeto Político pedagógico-PPP (2015) da Escola Municipal Tinguizal a primeira escola da comunidade era feita de pau à pique e palha, era denominada por “escolinha” a criação da nova escola ocorreu mediante o interesse da comunidade e reivindicar ao governo municipal a construção da mesma, de modo que essa pudesse atender a clientela local para que esses não precisassem se deslocar para outras localidades a fim de estudar, pois a escola mais próxima ficava uma distância de seis quilômetros da comunidade. Conforme representado pelas fotos a seguir:

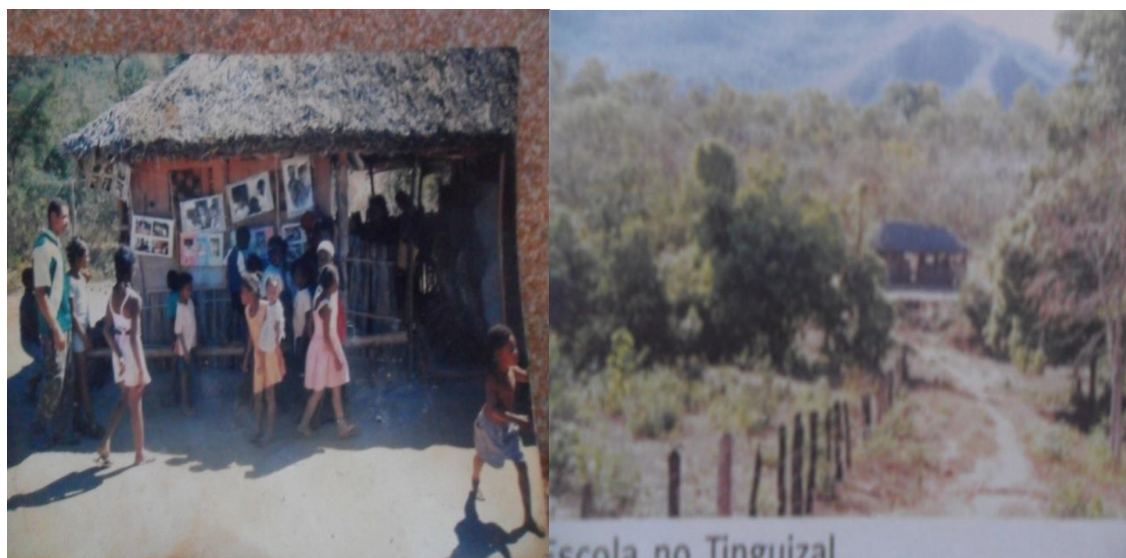


Figura 10.1.2 - Uma história do povo Kalunga. Caderno de atividades e encarte para o professor. Fonte: MEC; SEF. Brasília, p.120, 2001.

A Escola Municipal Tinguizal de 1ª fase do ensino fundamental de 1º ao 5º ano (Multisseriada), trabalha com o projeto aprender no turno matutino; possui 22 alunos

distribuídos em duas turmas; na divisão das turmas leva-se em conta a idade, a série e a localização onde mora, pois alguns alunos advêm de outras fazendas para estudarem nessa escola; vale frisar que a comunidade na qual essa escola se encontra inserida é formada por povos remanescentes de quilombolas, logo essa escola está localizada no campo.

Na Escola Municipal Tinguizal a provinha Brasil não é realizada pela quantidade de alunos ser insuficiente.



Figura 11 - Escola Municipal Tinguizal. Fonte: Maria Helena Serafim, 21 Fev. 2013.

De acordo com o PPP (2015) da escola municipal Tinguizal seu objetivo geral consiste em conferir ao aluno uma educação inovadora que utilize práticas pedagógicas que propicie o ato reflexivo sobre a ação, com a finalidade de promoção da criticidade, da ética, de forma que esses possam ser sujeitos participativos e solidários e que possam aprender com a prática e que se desenvolvam para viver em sociedade. Encontra-se disposto no PPP a ideia de que,

A educação é a condição básica para o desenvolvimento pessoal e exercício da cidadania, pois o ser humano é um ser cultural em vias de realização. À luz da razão, ele se descobre a si mesmo e ao mundo em torno, como um repertório de possibilidade, em face das quais ele tem de se definir. Seu comportamento é pautado, na maioria das vezes, por respostas e desafios. Nessa permanente construção de si e do mundo, a cultura humana se revela como um processo de auto realização do gênero humano, em busca da humanidade plena (PPP, 2015, p.7).

O PPP da Escola Tinguizal prioriza a compreensão do mundo na atualidade nos aspectos social econômico, político, cultural, e educacional, pois a educação se encontra

inserida nesse contexto e do mesmo modo as ações dessa escola. Sendo assim o papel da escola equivale a transmissão e apropriação do conhecimento [...] pois a função principal da escola é a transmissão e a apropriação dos conhecimentos. Pelo conhecimento o homem adquire os instrumentos necessários para a transformação/apropriação da natureza em seu benefício (PPP, 2015, p.6).

Segundo o PPP com o advento da tecnologia ocorreram a nível mundial grandes avanços importantes, embora na comunidade se perceba índices de desigualdade social, [...] quebra de valores essenciais crescente preconceito, violência, desestruturação familiar, falta de amor e respeito, entre outros aspectos que invadem nossas casas modificando nossa sociedade (PPP, 2015, p. 10). Discorre ainda sobre as transformações socioeconômicas e ambientais que interferem o equilíbrio e refletem na aprendizagem. E afirma ser a escola a instituição capaz de atender as necessidades da sociedade do século XXI, por ser essa responsável por transformar atitudes básicas em mais justas e democráticas, de forma a contribuir com a formação humana em termos de qualidade de vida, de respeito, de valorização cultural.

Escola Municipal Tinguizal: Entidades mantenedora e serviços públicos que dispõe

- Secretaria Municipal de Educação e Cultura;
- Prefeitura municipal;
- Parceria: Secretarias de saúde, esporte, assistência social, meio ambiente, conselho tutelar;

- Sistema de água-Rede pública SANEAGO;
- Rede de esgoto-fossas;
- Coleta de lixo- queima;
- Energia pública-CELG.

Dos recursos financeiros:

A escola Municipal Tinguizal recebe as verbas via secretaria de educação, tais como:

FUNDEF-Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério 60% para pagamento dos professores, diretores e coordenadores e 40% para compra de materiais pedagógicos, de consumo e permanentes, reforma, pagamento de outros funcionários e administrativo.

PNAE- Programa Nacional de alimento na Escola, destina-se a compra de merenda escolar, seu valor varia de acordo com a quantidade de alunos, a coordenadora efetua as compras, o conselho analisa e aprova.

FNDE- Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação cobre as despesas de custeio para melhorias física e pedagógicas. Direcionados ao ensino fundamental, solicitado por meio de projeto.

PME-Plano de Melhoria da Escola

PDDE- Plano de Dinheiro Direto na Escola

PDE- Plano de Desenvolvimento da Escola, ferramenta gerencial auxilia a escola a realizar seu trabalho, define o que a escola deve fazer, aonde pretende chegar, determinando com quais recursos, com a finalidade de obtenção de uma educação de qualidade, promovida com a participação de todos, tais como: toda equipe escolar, pais de alunos e outros interessados, ainda a prefeitura municipal entra com a contrapartida.



Figura 12.1.2 - Escola Municipal Tinguizal interior da sala de aula e pátio. Fonte: Maria Helena Serafim, 21 Fev. 2013.

De acordo com o PPP da Escola Municipal Tinguizal as atribuições do professor do atendimento educacional especializado ocorrem de acordo com a resolução CNE / CEB nº 04/ 2009.

De acordo com o currículo proposto para a Educação do Campo esse deve seguir metodologicamente uma proposta de ensino aprendizagem, embasado na construção de um currículo crítico e contextualizado com o ensino para as escolas do campo. Deve-se levar em conta a localização da escola a qual, por vezes se situa em regiões marcadas pela

presença de camponeses, ribeirinhos, ou pequenos proprietários que lutam pela posse da terra, assim como, povos indígenas, posseiros, territórios quilombolas, ou ainda de assentamentos e acampamentos da reforma agrária. Para Taffarel, (2010) as concepções de plano de trabalho formulado para as escolas do campo equivalem ao “novo currículo, considerado como um plano de vida escolar relacionado com o modo de vida do campo” (Taffarel 2010, p.197) e precisam estar vinculadas com a vida dos sujeitos do campo e para isso se faz necessário classificar a concepção, os planos de estudo e os objetivos a serem atingidos, sendo assim:

Para elaborar um plano de trabalho que se expresse praticamente como “plano de vida escolar”, deve-se partir de um exame da realidade atual, da comunidade local e da sociedade como um todo, que evidencie as necessidades vitais e forneça indicações do método necessário para compreender a essência dos fenômenos sociais em suas relações recíprocas e as formas possíveis para transformar a ordem existente. Isto implica realizar um inventário do meio. É preciso clarificar a concepção de educação, os objetivos do estudo e o plano de estudos (TAFFAREL, 2010, p.197-198).

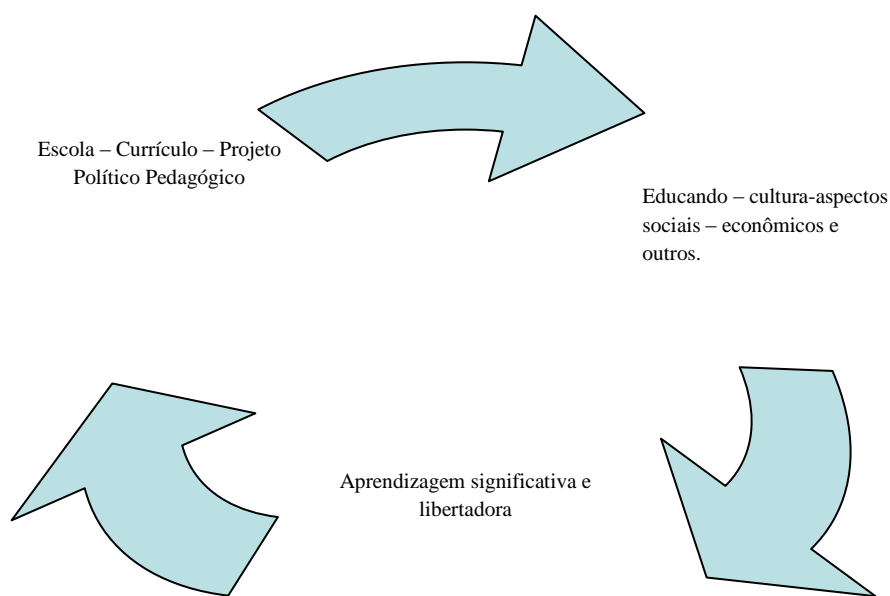
Taffarel, afirmam que o plano de vida deve articular-se como o projeto político pedagógico “‘plano de vida’ é a articulação entre o PPP e o currículo escolar [...] é um plano de vida e de ação para a escola como um todo, inclusive para a comunidade em que ela está inserida” (Taffarel al., 2010, p.197), tais autores informam que nesse processo cada sujeito se reconhece e se motiva para frequentar e se dedicar a escola.

Para Taffarel, (2010) os complexos equivalem a uma “problemática significativa da realidade atual” com isso surge a nova proposta de ensino que apresenta possibilidades de organização do programa de ensino baseado nos complexos que representa um sistema de organização do próprio programa que se justifica pelos objetivos proposto pela escola, esses complexos ainda na visão dos autores são os critérios para a seleção das disciplinas e conteúdo dos currículos que nortearão as atividades escolar de maneira dinâmica pautado na realidade atual dos alunos.

Portanto, entende-se que com a construção do PPP visa-se os objetivos, metas e as estratégias permanentes de uma instituição de ensino em termos de estratégias pedagógicas e funções administrativas, nesse sentido fazem parte da gestão e do planejamento escolar, e a operacionalização do planejamento de forma reflexiva continua de ação-reflexão-ação e dessa forma, se faz importante a participação coletiva em sua construção, pois ele passa a ser uma bússola para as ações da escola. Faz-se ainda

necessário a constante leitura do PPP para que esse seja adequado as necessidades escolares e para que possa oferecer um ensino de qualidade. Neste contexto o Projeto em questão deve manter uma dialógica constante considerando os letramentos diversos, a saber;

Quadro 2 – Esquema dialógico do Projeto Político Pedagógico



(Autora: Maria Helena)

A criação da escola abre espaço para o processo de letramentos (leitura e escrita) nas comunidades, com isso as reflexões feitas por moradores da comunidade Tinguizal sobre essas mudanças, acontecem de maneira frequente, ressaltando as contradições, mas também o desejo de melhorias, tendo em vista que com a introdução de novas culturas e do processo de letramento escolar o povo Kalunga passa por um processo de adaptação cultural, embora eles mesmo afirmam que se faz necessário que se aprenda, estude, para mudar algumas áreas que se encontram defasadas. Afirmam a necessidade da criação de uma nova educação, pautadas em mudanças, transformações e experiências, que relacione a teoria com a prática de oralidade e que ambas estejam ligadas ao respeito à cultura, a diversidade e especificidade do povo Kalunga.

Em retrospectiva as aulas na comunidade Tinguizal recorda-se que lá existe uma pequena biblioteca com algumas obras, embora na época se dispensava pouco incentivo quanto ao uso da mesma; as crianças quase não leem e quando o fazem não possui nenhum tipo de acompanhamento com ficha catalográfica que possa orientar quanto a autoria, a editora, o local, título e assunto tratado na obra. Sendo assim vigora o método

de ensino tradicionalista por meio do qual somente o professor possui vez e voz, os alunos ao serem conduzidos a leitura recebem pouco ou nenhum auxílio prévio, capaz de introduzi-lo ao contexto da mesma.

Sabe-se que livro deve ser visto como um objeto cultural: para se ler, ver, tocar, sentir, conhecer ter acesso ao livro e ao seu conceito como editora, autor, ano de publicação, ou seja, o aluno precisa ter contato direto com o livro como objeto cultural, vivenciar a leitura e construir novos significados a partir da leitura. Não somente o livro, mas também outros recursos que possam auxiliar a desenvolver o hábito da leitura como receitas culinárias, bula de medicamentos, que servirão para desenvolver o domínio da leitura e escrita, bem como promoverá ao aluno formação para aprender a ler o mundo através de uma dinâmica entre linguagem e realidade de forma que esse consiga dominar os diferentes usos da escrita na sociedade e que desenvolva a capacidade de valorizar o que pensa e o que vivencia, pois ser plenamente alfabetizado é saber ler e interpretar o que leu.

Rojo promove uma crítica a respeito da leitura escolar ao mencionar que existe uma estagnação da mesma no início do século passado, para ela em termos de competências e habilidades concernentes a escrita carece de reflexão sobre os problemas de escrita e ensino de língua portuguesa, pois se faz necessário que a linguagem promova autonomia aos sujeitos e dê "

[...] conta das demandas da vida, da cidadania e do trabalho numa sociedade globalizada e de alta circulação de comunicação e informação, sem perda da ética plural e democrática, por meio do fortalecimento das identidades e da tolerância às diferenças. Para tal, são requeridas uma visão situada de língua em uso, linguagem e texto e práticas didáticas plurais e multimodais, que as diferentes teorias de texto e de gêneros favorecem e possibilitam. (ROJO, 2009, p. 90).

A partir da citação supracitada e em relação as aulas oferecidas na comunidade Tinguizal percebe-se que existe alguns problemas a serem refletidos em termos de fortalecimentos das identidades e da tolerância as diferenças, pois nas comunidades o contexto se apresenta diferente da vida urbana, existe termos e conceitos que não se aplicam a vida no campo e desse modo se não forem analisadas e pensadas de modo a promover algumas alterações na matriz curricular, bem como na metodologia aplicada nas aulas, de modo a respeitar as diferenças, o ensino ministrado não surtirá o efeito esperado nem a nível local e muito menos global.

Concorda-se com as palavras de Rojo ao perceber que atualmente tais problemas assolam as comunidades quilombolas, tendo em vista que muitos jovens migram para as cidades circunvizinhas em busca de melhores condições de vida e até mesmo de estudos, e a isso se deve ao fato da evasão escolar. Ao chegarem nas cidades os jovens quilombolas passam por processos de exclusão social, marginalização e consequências decorrentes do preconceito e da discriminação racial, o que levará não só aos grandes índices de reprovação escolar, como a evasão e outras sequelas.

Entende-se que para amenizar ou mesmo corrigir a disparidade encontrada nas sociedades atualmente, faz-se necessário a inserção de projetos de inclusão social para pessoas que se encontram em posição de excluído de alguma maneira nos diferentes espaços sociais, para tanto as políticas públicas contribuem com o estabelecimento de padrões de acessibilidade, bem como o investimento em formação inicial e continuada para os professores a fim de que esses possam atuar eficazmente no processo de inclusão social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os letramentos não se resumem a uma única vertente, podendo assim ser chamados de multiletramentos como: computacional, visual, musical, poético, científico, tecnológico, social, escolar, entre outros. E é justamente na diversidade cultural quem podemos observar os diferentes letramentos, desde os mais tradicionais aos modismos de construção e reconstrução de linguagem escrita e visual. Desse modo é de suma importância observar não somente os tipos de textos e letramentos, mas a formatação desses textos, a mensagem explícita, os elementos visuais ou ilustrativos do mesmo, entre outros. Ao tratar de comunidades tradicionais, os letramentos são diversificados conforme a cultura local e acesso das pessoas a outros grupos externos. Os letramentos multimodais são produtos de comunicação dos grupos sociais e das relações de significados dos mesmos, que não se emprega apenas a comunicação e linguagem escrita, mas também por meio de imagens e oralidade como novelas, filmes, vídeos documentários e outros. Tratando de mediação da aprendizagem, texto, oralidade e imagem favorece melhor o ensino em sala de aula, ou seja, ambos facilitam a compreensão da mensagem expressa ou conhecimento a adquirido. Nesse ponto, o currículo referência traz na organização da língua portuguesa enquanto metodologia e procedimentos em sala de aula os seus aspectos em ordem, a saber: oralidade-leitura, leitura-escrita-reescrita, leitura-escrita-reescrita-análise do texto, entre outras. Comunicar, produzir, reproduzir, relacionar social, cultural e economicamente, são aspectos que contribui com a construção dos elementos multimodais na comunicação escrita, oral e visual, atualmente ambas as três formas muito usadas em uma única comunicação. Neste contexto, é importante rever as práticas educativas de modo a trabalhar melhor esses letramentos.

Em conclusão, percebe-se que os professores lotados nas comunidades quilombolas devem construir novos saberes, de forma que esses sejam essenciais para a formação cidadã e que o conhecimento ministrado elabore bases fundamentais para a inserção do sujeito na sociedade, a fim de promover uma consciência crítica e reflexiva, capaz de torná-lo competente e hábil no tomado de decisões positivas cabíveis a sua atuação por direito, com liberdade de expressão através do uso da linguagem em sua vida social.

A partir desses elementos deve-se levar em conta a superação de uma educação que prioriza apenas os interesses da classe dominante, deve-se levar em conta ainda a maneira de produzir, o preparo da terra, o período da colheita e seus saberes sobre esse processo, a cultura do sujeito, suas crenças, seus costumes, festejos, seus mitos, sua arte, cantos, rezas, danças, em fim seu modo de vida geral.

Diante do exposto postula-se que o professor em suas atividades pedagógicas se proponha a trabalhar com temas instigantes e que dialoguem com a coletividade, que falam sobre a condição real dos sujeitos incluindo sua própria história e ancestralidade e dessa forma seja tratada sua condição indenitária e sua cultura. O contato com as histórias tradicionais e ancestrais abrem possibilidades ao aluno de interpretar experiências para melhor entender o contexto em que vive, sendo assim o resultado será a aproximação do aluno à uma proposta emancipatória.

A prática educativa seja ela quilombola ou não, deve proporcionar ao educando o direito de refletir, tomar decisões, rever atitudes, atuar-se enquanto sujeito crítico da realidade, transformando a mesma, de forma que o espaço de vivências tenha condições de sustentabilidade e de valorização de sua cultura e saberes.

REFERÊNCIAS

AMÂNCIO, Júlia Moretto. **Parcerias entre Estado e sociedade civil: significados e desafios na gestão de políticas públicas. O caso da assistência social em São Paulo** / Júlia Moretto Amâncio. - - Campinas, SP: 2008.

AMARAL, Suely. 31/07/2005. **Linguagem verbal: É aquela que utiliza palavras.** Disponível em: <http://educacao.uol.com.br/disciplinas/portugues/linguagem-verbal-e-aquela-que-utiliza-palavras.htm> . Acesso em: 27 dez. 2016.

ARAUJO, Ana Cristina de. **Discursos que revelam o letramento acadêmico na (re) constituição identitária dos educandos da licenciatura em educação do campo.** Brasília, 2016. 143p.

AZANHA, José Mario Pires. **Educação: temas polêmicos** , São Paulo: Martins Fontes, 1995.

BAIOCCHI, Mari de Nazaré. **Kalunga: povo da terra.** 13ª ed. – Goiânia: Editora Universidade Federal de Goiás – UFG, 2013.

BRASIL. **Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do**

Campo / CNE. Resolução CNE/ CEB 1/2002. Diário Oficial da União. Brasília, 9 de abril de 2002. Seção 1. p. 32).

BRASIL. **Lei 10.639 de 09 Jan. 2003.** Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm>. Acesso em 06 de Mai. 2016.

BORTONI-RICARDO, S.M. e FREITAS, V.A. **Sociolinguística Educacional.** In.: HORA, D. et alii (orgs.) Abralín – 40 anos em cena. João Pessoa: Editora Universitária, 2009, p. 2

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. 2008. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa.** São Paulo: Parábola. 135p. (Série Estratégias de Ensino, n. 8.). 17-240.

BORSTEL, Clarice Nadir von Borstel - **Sociolinguística: teoria, método e objeto em pesquisas in loco, ed. especial,** Campo Grande 2014.

CALDART, **Dicionário da Educação do Campo**. Roseli Salete. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

COUTO, Simone Rodrigues Barbosa. **Práticas de Letramentos Múltiplos e Interdisciplinaridade na Formação Docente: o Antes e o Depois**. Planaltina –DF , 2013.

Contribuições para Implementação da Lei 10.639/2003: **Proposta de Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação das Relações Étnico raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana – Lei 10.639/2003**. MEC, 2008.PDF.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Tradução Magda Lopes; consultoria, supervisão e revisão técnica desta edição Dirceu da Silva. - 3. ed. - Porto Alegre: Artmed, 2010. 296 p.

DIAS, Paula Maria Cabucci Ribeiro. **Contribuições da Sociolinguística Educacional para matérias de Formação Continuada de Professores de Língua Portuguesa**. Brasília – DF, 2011.

DIONISIO, A. P. “**Multimodalidade discursiva na atividade oral e escrita (atividades)**”. In: MARCUSCHI, L. A.; DIONISIO, A. P. (Orgs.). Fala e Escrita. 1. ed., 1. reimp. —Belo Horizonte: Autêntica, 2007. 208p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, 184p.

GIL, Antônio Carlos, 1946. **Como elaborar Projetos de Pesquisa**. 5ª ed - São Paulo: Atlas, 2010.

KLEIMAN, A. **Texto e Leitor: aspectos cognitivos da leitura**. São Paulo: Pontes, 2009.

LEITE, Josieli Almeida de Oliveira. Botelho, Laura Silveira. **LETRAMENTOS MÚLTIPLOS: Uma nova perspectiva sobre as práticas sociais de leitura e de escrita**, 2011.

LISBOA, Agostinho Neto, **Casa dos Estudantes do Império** - 1959).

MACHADO, Adelino Soares Santos. **Suspiros Poéticos do Nordeste Goiano**. Editora e distribuidora de livros Planeta, Ltda. – Goiânia, GO, 2002.

Mapa do município Monte Alegre de Goiás. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40362015000300567 .

Acesso em: 03 de Maio de 2016.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Oralidade e letramento como práticas sociais**. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; DIONÍSIO, Ângela Paiva (Org). **Fala e escrita** 1. ed., 1. reimp. — Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MEC; SEF. **Uma história do povo Kalunga. Caderno de atividades e encarte para o professor**. Brasília, p.120, 2001.

Outro olhar- **Kalungas de Cavalcante**. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=JQMX0CZHWSY>>. Acesso em 10 Mar. 2013. (vídeo)

PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1977.

PPP - **Projeto Político pedagógico da Escola Municipal Tinguizal** – Monte Alegre de Goiás 2015.

TAFFAREL, Celi Zulke - **Política educacional e educação do campo**. MOLINA, Mônica Castagna. **Verbetes do Dicionário da Educação do Campo**. EPSJV/Expressão Popular, 2012, p. 571-578.

PÓVOA, Liberato. **Kalunga ontem e hoje Almanaque Revista Periódica Cultural do Tocantins**, nº36.: Palmas, 2002.

REVISTA **Práticas de Linguagem** / Universidade Federal de Juiz de Fora. - - v. 4, n. 1 (jan. 2014)-. -- Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Educação, 2014.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.128p.

ROJO, Roxane Helena Rodrigues. **Multiletramentos na escola/ Roxane Rojo, Eduardo Moura (Orgs.)**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.264p

SALLES, Michely Mara Caetano Werneck da Silva. **Textos multimodais e letramento: o trabalho com os textos imagéticos em livros didáticos de língua portuguesa**. Belo Horizonte: 2014, 118 p.

SANTOS, Clarice Aparecida dos. **Educação do campo e políticas públicas no Brasil [manuscrito]: a instituição de políticas públicas pelo protagonismo dos movimentos sociais do campo na luta pelo direito à educação**. 2009, 143p. PDF.

SILVA, Maria Zenaide Valdivino da. **O letramento multimodal crítico no ensino fundamental: investigando a relação entre a abordagem do livro didático de língua inglesa e a prática docente** - Fortaleza: 2016. p.329.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. **Movimento negro, educação e produção do conhecimento de interesse dos afro-brasileiros**. Comunicação apresentada a ANPED. 1995.

_____, Petronilha Beatriz Gonçalves e. (Orgs.). **Experiências étnico-culturais para a formação de professores**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. 152 p.

SILVERIA, Esalva Maria Carvalho. **A entrevista nos processos de trabalho do assistente social** - Revista Textos & Contextos Porto Alegre v. 6 n. 2 p. 233-251. jul./dez. 2007.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**- 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012. 128p.

SOUSA, Rosineide Magalhães de. **Gênero discursivo mediacional da elaboração à recepção: uma pesquisa na perspectiva etnográfica**. Brasília: 2006.PDF.

_____. Práticas de letramento: produção textual coletiva na formação do docente do campo. In: MOLINA, Mônica C; SÁ, Laís Mourão. **Licenciaturas em Educação do Campo**. Brasília: Autêntica, 2011.

TAFFAREL, C.Z. e MOLINA, M.C. **Política Educacional e Educação do Campo**. . In: **Dicionário de Educação do Campo** - Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.p.247-258.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **“Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: a Pesquisa Qualitativa em Educação – O Positivismo, A Fenomenologia, O Marxismo”**. 5 ed. 18 reimpr. São Paulo: Atlas, 2009. 175p.

